

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA DA UFPA
LICENCIATURA EM DANÇA**

WENDER DE JESUS DOS ANJOS MOREIRA

**A LEI DOS IRMÃOS: AFETO E ESPETACULARIDADE DO GRUPO
DE BREAKING DRAGON CRAZY DE SÃO DOMINGOS DO CAPIM-
PA.**

BELÉM - PA

2018

WENDER DE JESUS DOS ANJOS MOREIRA

**A LEI DOS IRMÃOS: AFETO E ESPETACULARIDADE DO GRUPO
DE BREAKING DRAGON CRAZY DE SÃO DOMINGOS DO CAPIM-
PA.**

Relatório final, apresentado a Universidade Federal do Pará,
sob orientação da Prof^a. MSc. Arianne Roberta Pimentel Gonçalves
como parte das exigências para a obtenção do título de licenciado em
dança.

BELÉM - PA

2018

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Central/UFPA-Belém-PA**

M838l Moreira, Wender de Jesus dos Anjos
A lei dos irmãos: afeto e espetacularidade do grupo de Breaking
Dragon Crazy de São Domingos do Capim-PA / Wender de Jesus
dos Anjos Moreira. --2018.

Orientadora: Profª Arianne Roberta Pimentel Gonçalves.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Pará,
Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso de
Licenciatura em Dança, Belém, 2018.

1. Dança de rua. 2. Hip-hop (Cultura popular). 3. Movimentos da
juventude. 4. Etnocologia. I. Título.

CDD - 22. ed. 792.8

Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIENCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
LICENCIATURA EM DANÇA

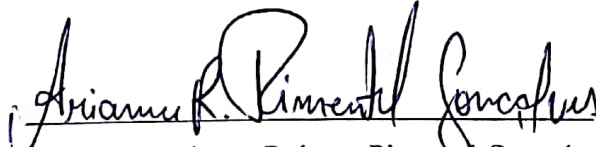
WENDER DE JESUS DOS ANJOS MOREIRA

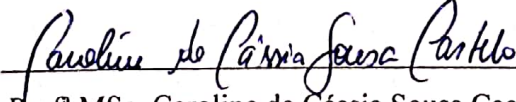
**A LEI DOS IRMÃOS: AFETO E ESPETACULARIDADE DO GRUPO
DE BREAKING DRAGON CRAZY DE SÃO DOMINGOS DO CAPIM-
PA.**

Esta monografia foi julgada adequada para obtenção do título de “*Licenciado em Dança*”, e
aprovada na sua forma final pela Universidade Federal do Pará.

Data 21/12/18

Conceito: Excelente


Profª. MSc. Ariane Roberta Pimentel Gonçalves
Orientador – Escola de Teatro e Dança – ICA/UFPA


Profª MSc. Caroline de Cássia Sousa Castelo
Avaliadora – Escola de Teatro e Dança – ICA/UFPA

BELÉM - PA

2018

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura Wander de Jesus dos Anjos Moreira

Local e Data 21/12/18

Belém, 21 de dezembro, 2018.

Ao meu avô Simião Almeida (em memória) que segundo as palavras da minha avó Francisca dos Anjos, nunca a deixou sozinha, foi exemplo de companheirismo, amor e união, ele me deixou esse modelo que me serve de inspiração.

AGRADECIMENTOS

A Deus em primeiro lugar por me conceder saúde e força para superar as adversidades.

A Universidade Federal do Pará, especialmente a Escola de Teatro e Dança, seu corpo docente, por oportunizarem minha entrada no curso de Licenciatura em Dança e por ampliarem meu olhar durante o percurso acadêmico.

A minha Orientadora Arianne Roberta Pimentel Gonçalves, pelo seu suporte no pouco tempo que lhe foi incumbido, pelas horas de sono interrompidas nas incansáveis correções e principalmente os incentivos que me impulsionaram até a reta final.

Aos meus Pais, pelo amor, cuidado e incentivo emocional e financeiro, essencialmente a minha mãe, que me serviu como exemplo durante o trajeto acadêmico e não mediu esforços para me ajudar e conseguir chegar ao final deste curso.

A Amanda de Assis de Araújo, por sempre estar segurando minha mão nos momentos difíceis e por sempre estar do meu lado me passando confiança e acreditando em mim até quando eu mesmo não acreditava.

A Ulisses Pietro, meu filho amado, que me ensinou a ser pai, e mostrou-me o verdadeiro sentido do amor.

A Socorro Cunha minha madrinha, que durante esses quatro anos me adotou como se fosse um filho e me concedeu um lugar para morar sem cobrar nada em troca.

Aos Dragon Crazy, que são minha família também e que continuarão fazendo parte da minha vida em todos os momentos até o final, carrego eles comigo dentro do meu coração.

A turma de licenciatura em dança 2015, que me presenteou com pessoas incríveis que somaram com experiências indispensáveis para meu amadurecimento durante a faculdade, pessoas as quais tenho estima e admiração.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para que eu concluísse com êxito meu curso.

RESUMO

Esta pesquisa dedica-se ao o estudo do afeto e da espetacularidade do grupo de breaking Dragon Crazy de São Domingos do Capim-PA. A partir das minhas vivências enquanto integrante do grupo Dragon Crazy, desenvolvo a pesquisa com ênfase nos afetamentos e olhar sensível, enquanto artista-etno-pesquisador, tendo como aporte teórico e metodológico a Etnocenologia. Para tanto, foi realizado um traçado histórico sobre o breaking desde seus primórdios na Jamaica e Estados Unidos até chegar ao Brasil e São Domingos do Capim, constituindo a trajetória do grupo Dragon Crazy e desvelar seu o afeto e espetacularidade. Para a concretização teórica da pesquisa foi efetuado um sistema de relações com pessoas do Hip-Hop, com os integrantes do grupo, com pesquisadores da Etnocenologia, em especial Brígida (2015) que aponta a importância do afeto nas pesquisas etnocenológicas. A pesquisa alcançou como resultado a identificação da poética artística do grupo Dragon Crazy que se constitui pela coletividade, irmandade, espetacularidade, dança e, em especial, o afeto.

Palavras Chave: Afeto, Espetacularidade, São Domingos do Capim, Dragon Crazy.

ABSTRACT

This research is dedicated to the study of the affection and the spectacular of the group of breaking Dragon Crazy of São Domingos do Capim-PA. From my experiences as a member of the Dragon Crazy group, developed the research with an emphasis on affections and sensitive eyes, as an artist-ethno-researcher, having as theoretical contribution and methodological approach to ethnocenology. For that, a historical trajectory was made on the breaking from its beginnings in Jamaica and the United States until arriving at Brazil and São Domingos do Capim, constituting the trajectory of the Dragon Crazy group and unveiling his affection and spectacularness. For the theoretical realization of the research, a with the members of the group, with researchers from Ethnocenology, especially Brígida (2015), who points out the importance of affection in researches ethnocenological. The research has resulted in the identification of the artistic poetics of the group Dragon Crazy that is constituted by the collective, brotherhood, spectacularity, dance and, in particular, affection.

Keywords: Affection, Spectacularity, Santo Domingos do Capim, Dragon Crazy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Afrika Bambaataa.....	20
Figura 2 Dj Kool Herc	21
Figura 3 DJ Grandmaster Flash	21
Figura 4 Nelson Triunfo (Nelsão).....	23
Figura 5 Santo Padroeiro – São Domingos de Gusmão	25
Figura 6 Feira da farinha na orla de São Domingos do Capim	27
Figura 7 Feira da farinha no coreto da orla de São Domingos do Capim.....	27
Figura 8 Orla de São Domingos do Capim.....	28
Figura 9 Pororoca	30
Figura 10 Orla de São Domingos do Capim durante a noite	30
Figura 11: Família HP	34
Figura 12 Baby Boys	43
Figura 13 Feirão.....	45
Figura 14 Coreto da Orla	45
Figura 15 Wender Moreira	47
Figura 16 Jean Michel	48
Figura 17 Everton Douglas	49
Figura 18 Luciano David	50
Figura 19 Ronaldo Santos.....	51
Figura 20 Maycon Gomes	52
Figura 21 Erick Dias	53
Figura 22. Dragon Crazy Crew	54

SUMÁRIO

TRAJETO DE UM CRAZY	12
1. BREAKING: NÃO É SÓ DANÇA. É UM ESTILO DE VIDA!	18
1.1 - O NASCIMENTO DE UMA CULTURA: “O HIP HOP”	18
1.2 - ULTRAPASSANDO AS FRONTEIRAS: O HIP HOP NO BRASIL.	23
1.3 - ANTES TARDE DO QUE NUNCA: O HIP HOP EM SÃO DOMINGOS DO CAPIM-PA.....	25
2. DRAGON CRAZY: A LEI DOS IRMÃOS	40
2.1 A ORIGEM DOS CRAZYS.....	41
2.2 CON“VERSANDO”	47
3. A ESPETACULARIDADE DO GRUPO DRAGON CRAZY	58
3.1 A ESPETACULARIDADE DO COMPORTAMENTO	58
3.2 A ESPETACULARIDADE DA DANÇA.....	61
3.3 A ESPETACULARIDADE DO AFETO	65
FALOW MANO, ATÉ OUTRA HORA!	69
REFERENCIAS	73

TRAJETO DE UM CRAZY

Venho do interior do estado do Pará, de uma cidade chamada São Domingos do Capim. Minha relação com a dança começa na escola participando das quadras juninas, não me recordo o ano certo quando a dança me escolheu, mas foi no ano de 2011, quando tinha 17 anos, que fiquei fascinado por uma dança chamada *free step* que me foi apresentada por um colega de turma, e como já estava finalizando o ensino médio decidi que queria estudar mais sobre isso: dança. Foi quando decidi juntar com uns amigos de escola e formar um grupo de dança para simplesmente curtir, também quis fazer o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), com o objetivo de passar no curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal do Pará.

Assim com foco no objetivo profissional, fiz o ENEM por três anos para conseguir ser aprovado, e graças a irmã de um amigo do grupo de dança que formei na escola, que me avisou que tinha passado na segunda chamada no ano de 2015. Nesse período já estava trabalhando como pintor em Tocantins e tive que largar o emprego para seguir a carreira acadêmica, foi um sufoco, pois quando fui avisado só tinha o prazo de dois dias para fazer a regularização das documentações exigidas. Passei 28 horas dentro de um ônibus de Palmas - TO, até conseguir chegar em São Domingos do Capim – PA. O tempo era meu inimigo naquele momento, pois estava a um passo de perder meu sonho por conta de atrasos durante a viagem. Mas consegui entregar todas as documentações a tempo e ingressei no curso.

Dentro da universidade, que era um universo totalmente novo para mim, estava longe de casa, da família, da minha cidade, busquei aprimorar meus conhecimentos para levar para meu grupo de dança em São Domingos do Capim: o Dragon Crazy.

Logo no segundo semestre da faculdade tive a disciplina de Metodologia da Pesquisa em Arte na qual deveríamos montar um pré-projeto de TCC, de início, eu achava melhor falar sobre aperfeiçoamento proprioceptivo, que estudei na disciplina de Cinesiologia, pois era algo que eu achava mais científico, naquela época, e por efetuar relação com o trabalho do meu grupo de breaking, pois percebia que machucávamos muito nossos corpos com treinos desorientados, só se jogando em movimentos cujas técnicas corretas não sabíamos, então o aperfeiçoamento proprioceptivo seria a saída para melhorarmos o rendimento e bem-estar do nosso corpo.

Depois de alguns semestres perdi o encanto pelo tema anterior, me encantando com outra coisa que estava escondida nas entrelinhas, pulsando forte em mim, tendo em vista que minha preocupação com os integrantes do Dragon Crazy era mais forte, decidi nesse momento mudar meu tema para falar dos círculos de relacionamentos existentes no meu grupo de dança, pois nós somos diferenciados no nosso “jeito louco”, particular, de demonstrar afeto e cuidar para com os outros.

O contexto das danças urbanas, apesar de transparecer um cenário competitivo e, até agressivo, para quem o observa de fora, é permeado por uma rede de relacionamentos de pessoas que se dividem em grupos, também chamadas de Crews, e até chegam a se denominar de família devido o forte laço que os unem. Este relacionamento, que ultrapassa a competitividade dos grupos, existente, na maioria das vezes, só enquanto estão dançando, sempre me chamou a atenção, cada grupo possui sistemas de relacionamentos próprios, e o meu grupo, o Dragon Crazy, possui o afeto como motriz para nossas relações, criações coreográficas, expressões corporais, aprendizados, compartilhamentos, danças.

O compartilhamento de conhecimentos existente no Dragon Crazy, por exemplo, ressalta a particularidade de cada integrante. Os benefícios para o grupo são incontáveis e alguns deles são: melhora na desenvoltura, capacidade de opinar em questões referentes ao grupo, união entre os membros do grupo, trabalho em equipe, entre outros. E são exemplos a serem seguidos pelo motivo de que as relações humanas são importantes para o crescimento tanto individual como em grupo.

Os relacionamentos são essenciais para os âmbitos da dança, pois o conhecimento que um tem sobre determinado gênero de dança facilita o desenvolvimento de outras danças, ou seja, as dicas que um dá para o outro torna esse ciclo agradável. Os envolvidos nesse estudo têm o diferencial de se relacionar, como se denominam uma família, o afeto, carinho, cuidado, diálogo, as dicas de movimentos, tudo isso torna o grupo unido e faz com que haja compartilhamento de saberes e emoções que podem influenciar os outros, e ser influenciado pelos outros também, transbordando na dança e construindo a poética do grupo Dragon Crazy que se consolida pelo afeto que é a nossa lei, a lei dos irmãos.

Durante minha trajetória nos bastidores de apresentações de danças, festivais e da observação das relações pessoais em determinados grupos e gêneros de danças, verifiquei situações conflituosas, competitividade, em alguns casos, dentro do mesmo grupo/companhia/coletivo/. Os bailarinos que deveriam se ajudar dentro do grupo ficam

competindo entre si para ter o melhor lugar, o papel principal, isso gera uma série de conflitos, acarretando na falta de diálogo, o empobrecimento da afetividade no grupo e o compartilhamento de saberes é quase nulo. Se eu descobri uma técnica corporal que ajuda na realização de um determinado movimento, por que não compartilhar com meu colega para crescermos juntos como grupo e criar diálogos e laços? Assim, através de experimentação de novas movimentações, a partir de um olhar mais técnico para descobrir o melhor caminho para a execução de determinado movimento.

No breaking, o convívio é muito diferente de outros grupos/gêneros de dança, o companheirismo, as brincadeiras, compartilhamentos de histórias de vida, mesmo que seja algo banal, só o fato de escutar o que o outro tem a dizer já se torna importante, e ele se sente à vontade em compartilhar desses relatos. Mas vale ressaltar que nem todas as relações são “um conto de fadas”, não pretendo fazer uma generalização e romantizar o breaking, pois existem relações conflituosas sim e sempre vão existir em qualquer âmbito social, contudo, a partir da minha vivência e inserção neste meio, verifico um sistema de relação compartilhada que desperta meu olhar enquanto pesquisador.

Os relacionamentos afetivos no grupo Dragon Crazy são fluidos e produtivos, no sentido de que a dança surge a partir de experiências construídas através de momentos na escola e expandidas para fora dela agregando a comunidade em geral. Como se denominam uma família, a espontaneidade em momentos de descontração, conversas paralelas, são fatores que impulsionam a poética do grupo, pois se tratando de uma relação familiar, não há necessidade de esconder ou gerar intrigas desnecessárias dentro daquele espaço que é da dança desse grupo/família.

Por afeto entendo as afecções do corpo, pelas quais a potência de agir desse corpo é aumentada ou diminuída, favorecida ou entravada, assim como as ideias dessas afecções. Quando, por conseguinte, podemos ser a causa adequada de uma dessas afecções, por afeto entendo uma ação; nos outros casos, uma paixão (FIGUEIREDO, 2011 p.10 apud ESPINOSA 1997, p. 276).

Esta pesquisa apresenta como fenômeno o estudo do afeto - sistema relacional- e da espetacularidade do grupo de breaking Dragon Crazy de São Domingos do Capim-PA a partir da ótica da Etnocenologia. Diante do exposto, surge a seguinte problemática a

partir dos meus questionamentos e inquietações: Como efetuar um estudo acerca do afeto e da espetacularidade enquanto integrante do grupo Dragon Crazy que ainda não apresenta nenhuma pesquisa acadêmica acerca da sua trajetória enquanto o único grupo atuante de danças urbanas em São Domingos do Capim?

A Etnocologia¹, principal referencial teórico-metodológico desta pesquisa, a partir da perspectiva do artista-pesquisador-participante que não procura traçar uma relação de distanciamento entre o pesquisador e a pesquisa, pelo contrário, impulsiona o pesquisador ao mergulho nas suas próprias práticas, fazeres, traçando relações muito próximas e particulares na execução da pesquisa. O fato de ser integrante e um dos fundadores do grupo Dragon Crazy me possibilitam olhar para a pesquisa de várias perspectivas, inclusive da minha, onde minhas impressões e meu olhar são de fundamental importância na constituição deste estudo que retrata aspectos singulares e não tão visíveis de forma clara, em muitos casos, só quem faz parte da cultura consegue enxergar e falar. Como podemos verificar:

A proposição etnocológica ratifica a indissociabilidade entre prática e teoria para a pesquisa científica, reafirmando a importância do trinômio artista-pesquisador-participante na vivência, na experiência encarnada, em suas escolhas teóricas e nas suas práticas criativas identificadas com o processo criador. Remarca, também, a importância da academia utilizando-se do seu saber estruturado para junto com a construção do saber popular, produzir formas e teorias capazes de desvelar a diversidade das práticas espetaculares contemporâneas, reconhecendo valores e originalidade deles na produção de do conhecimento simbólico (SANTA BRÍGIDA, 2007, p. 199).

É o que ocorre nos momentos de ensaio do grupo Dragon Crazy, buscamos compor um ensaio voltado para as questões mais recorrentes, como maneira certa de execução do movimento, como eu sou artista-pesquisador-participante eu reafirmo que a produção de conhecimento que é criado durante os ensaios são tão importantes quanto o conhecimento produzido apenas de maneira científica. Demonstramos o valor do saber popular criador por nós, Dragon Crazy, onde ele é reafirmado e embasado através de autores que sustentam e contribuem de forma significativa para a pesquisa.

¹ Segundo BIAO (1999), a etnocologia se inscreve na vertente das Etnociências e tem como objeto os comportamentos humanos espetaculares organizados, o que compreende as artes do espetáculo, principalmente o teatro e a dança, além de outras práticas espetaculares não especificamente artísticas ou mesmo sequer extra cotidianas.

A pesquisa é formada por três seções. Na primeira seção cujo título é “Breaking: Não é uma dança, é um estilo de vida”, faço um apanhado histórico do hip hop, sendo seus possíveis nascimentos na Jamaica e na periferia dos Estados Unidos, até chegar ao Brasil e sucessivamente em São Domingos do Capim, citando nomes importantes de seus respectivos lugares.

Na segunda seção “Dragon Crazy: A lei dos Irmãos” escrevo sobre a cidade de São Domingos do Capim relacionando o seu contexto religioso, social e cultural para discutir sobre a dança, apontando os primeiros grupos de hip-hop até chegar ao nascimento do Grupo Dragon Crazy, e como acontecem às relações de afeto existentes dentro do mesmo.

Por fim, na terceira seção “A espetacularidade da dança e dos afetos do grupo Dragon Crazy”, mergulho no afeto e na espetacularidade do Dragon Crazy, apontando como principais eixos: o comportamento, a dança e o afeto.

Meus apontamentos enquanto artista-pesquisador-participante em conexão com sujeitos da pesquisa, integrantes do Dragon Crazy e artistas praticante de breaking são os referenciais teóricos de primeira grandeza aqui assumidos, pois as Etnociências buscam “(...) compreensão dos discursos dos diversos agrupamentos sociais sobre sua própria vida coletiva, inclusive e, talvez, principalmente, suas práticas corporais” (BIÃO, Armindo. 1998, p. 18).

Como já mencionado, a Etnocenologia é a base teórica em que me ajuda a olhar o fenômeno pesquisado a partir da fundamentação teórica em autores da Etnocenologia, tais como: Armindo Bião (1998) e Miguel de Santa Brígida (2007), sendo que este último foi o propositor da palavra afeto ao campo de estudo da Etnocenologia, bastante evocado nas suas pesquisas.

Assumo a Etnocenologia como metodologia a partir da trajetória do artista-pesquisador-participante e o método etnográfico, pois “pela Etnografia, a Etnocenologia consegue adentrar nas comunidades e perceber de forma minuciosa os detalhes na descrição do fenômeno na pesquisa das manifestações espetaculares humanas” (BRÍGIDA, 2015, p. 16).

A Etnografia ajuda o pesquisador etnológico a perceber detalhes preciosos e importantes para a pesquisa enquanto matéria-prima no estudo substancial sobre o corpo e suas especificidades. Muitas pesquisas acadêmicas foram traçadas com base na Etnocenologia e

ancoradas na Etnografia para se adensarem. A pesquisa etnocenológica resguarda o cuidado que devemos ter para não viabilizarmos, pela linguagem, questões etnocêntricas comuns em muitas pesquisas sobre o comportamento humano. (SANTA BRÍGIDA, 2015, p. 16)

Além do método etnográfico para a escrita da pesquisa, também assumo a composição de uma escrita versada, versos compostos por minha autoria, a partir do olhar sensível e como melhor expressão de pontos específicos da pesquisa. Logo, a sessão três, no sub item 3.3, é toda versada.

A revisão bibliográfica e a pesquisa histórica em torno da temática pesquisada foram métodos também importantes para o alcance dos objetivos propostos. A coleta de dados fora feita através das minhas experiências enquanto artista-pesquisador-participante do Dragon Crazy nos eventos, festivais, apresentações, ensaios, em conversas com os integrantes dos grupos, coleta de relatos, entrevistas não estruturadas e constatarememoração das trajetórias vividas pelo grupo para a escrita da sua formação.

1. BREAKING: NÃO É SÓ DANÇA. É UM ESTILO DE VIDA!

1.1 - O NASCIMENTO DE UMA CULTURA: “O HIP HOP”

Várias versões são relatadas sobre o contexto histórico do Breaking, que no hip hop representa a dança, essa dança requer do *bboy/bgirl*² que tenham certo domínio corporal para praticá-la, pois consiste em movimentos básicos e avançados, tais como: *top rock*³, *foot work*⁴, *freeses*⁵, *power moves*⁶.

Uma versão menos conhecida sobre o surgimento do movimento hip hop, que é formada pelos elementos: *Breaking*⁷, o *DJ*⁸, o *MC*⁹, o *Graffiti*¹⁰ e o *conhecimento*¹¹, é na Jamaica, ex-colônia britânica, localizada na América Central, e é considerada uma das maiores ilhas do Caribe, não tem fronteira terrestre com nenhum outro país (Francisco, sd), nos anos de 1920 e 1930, onde grande população de negros do interior foram para a capital e eram, em sua maioria, pobres e não tinham frequentado a escola e por isso buscavam as ruas para se relacionar dividir experiências - tudo isso mais tarde seria transformado em rap – rhythm and poetry (ritmo e poesia) trazendo a junção da poesia cantada através do MC e o ritmo pelo DJ. As letras falavam sobre o cotidiano e o que acontecia nas ruas. Assim as letras escritas por esses rapazes, negros e pobres, marginalizados pela sociedade, incentivavam a enfrentar e superar as dificuldades.

A seguir podemos ver um trecho de um rap:

² Bboy/bgirl: dançarino (a) de breaking.

³ Top rock: são movimentos que o bboy/bgirl faz enquanto está em pé. Todos os movimentos no nível alto são considerados top rocks. Exemplos de nomenclaturas de movimentos: Indian step, Boyoing, salsa rock, Brooklyn rock, entre outros.

⁴ Foot work: são movimentos que o bboy/bgirl faz com o apoio das mãos e dos pés no chão fazendo movimentos circulares. Os nomes de alguns foot Works são: six steps, three steps, cc's, entre outros.

⁵ Freezes: são os movimentos utilizados para finalizar uma sequência congelando o corpo em uma posição. Exemplos disso são: baby freeze, elbow freeze, chair, air chair, air baby, entre outros

⁶ Power moves: são movimentos acrobáticos com um maior grau de dificuldade de ser executado. Exemplos são: flare, air flare, Windmill, back spin, 1990, 2000, entre outros.

⁷ Breaking: expressão dos movimentos corporais transformados em dança.

⁸ DJ: ou Disc Jockey é a pessoa que opera os aparelhos de som, fazendo as mixagens e é o responsável pelas técnicas musicais.

⁹ MC: ou Mestre de Cerimonias é a pessoa que que faz os discursos em cima dos beats (bases de raps instrumental) sendo a expressão musical e verbal da cultura.

¹⁰ Graffiti: é a expressão da cultura de forma visual através de desenhos e linhas que representam suas identidades.

¹¹ Conhecimento: foi adicionado o conhecimento a cultura hip hop para que ela não se dissipasse, de modo que, o que era aprendido durante os percursos no hip hop fosse passado de geração para geração, dos mais velhos para os mais novos, através da oralidade.

*(...) Sabia que eles me aprisionaram nessa prisão da solidão
 Alegria, viver nas ruas é uma ilusão
 Mesmo o criminoso mais sorrateiro um dia vai ser pego
 Baleado ou morto pela bala que ele comprou
 Com a nove milímetros, fico pensando no que as ruas fizeram comigo
 Porque nunca se falou de paz nas comunidades negras
 Tudo que conhecemos é a violência, que é feita em silêncio
 Andamos pelas ruas como um bando de tiranos
 Vários manos vão para as penitenciárias todos os dias
 E saem de lá piores do que quando entraram (...)
 (2pac – Trapped, tradução. 1991)*

Em seguida em 1960, o reggae, que é um ritmo musical que nasceu na Jamaica, tem um ritmo lento e dançante que tem base letrada de suas composições sobre desigualdade, fome, preconceito e outros problemas sociais, tendo influência do movimento, Rastafári que é uma doutrina religiosa local da Jamaica (DANTAS, sd), foi um influenciador do rap por volta de 1960, pois em festas realizadas em regiões afastadas do centro começaram a ser desenvolvidas práticas como: enquanto tocava uma música, uma pessoa por cima falava um discurso apelativo, no sentido de alertar as pessoas sobre seus direitos e para não calar a voz de um povo que é menosprezado pela sociedade ou de empoderamento, sendo assim, podemos dizer que o reggae foi precursor do rap.

No círculo atualmente frequentado por praticantes da cultura hip hop, a principal versão que se tem sobre o surgimento da mesma é que surgiu no início dos anos 80, nos Estados Unidos, como forma de manifestações e protesto, reivindicações de seus direitos civis, os trabalhadores que ganhavam a vida dançando e fazendo shows perderam o emprego após uma crise, resultando na saída dessas pessoas para protestar na rua, pois a cultura hip hop traz consigo a força de enfrentamento através da arte que é gerada pelo corpo, seja ela escrita, falada, dançada, entre outros.

No bairro do Bronx EUA, que foi o bairro mais privilegiado em pesquisas e por isso é o mais citado, a maioria da população era/é constituída por negros e hispânicos e, como bairro de periferia, não tinha programas sociais, assim os jovens faziam da rua o lugar compartilhar, ouvir músicas, dançar, aprender, entre outras coisas.



Figura 1 Afrika Bambaataa. Fonte: Getty Images. Disponível em: <https://www.spin.com/2016/04/afrika-bambaataa-responds-child-molestation-allegation/>

Afrika Bambaataa é o apelido de Kevin Donovan (1957) que foi o organizador do movimento hip hop nos Estados Unidos, fundador da Zulu Nation, que é uma organização que fez com que os índices de criminalidade e mortalidades de jovens diminuísse através dos quatro elementos do hip hop (breaking, DJ, MC e Graffiti) que ele juntou em primeira instância. *Afrika Bambaataa* nasceu e foi criado no Bronx, e quando jovem fazia parte de uma gangue denominada Black Spades, como presenciou vários momentos de perdas de amigos, idealizou que a violência deveria dar espaço para as artes que estão contidas no hip hop. Com o passar do tempo, influenciou através do hip hop os líderes de gangues a abandonar as batalhas sangrentas por batalhas dançadas, que consistiam em eleger o melhor na dança.

A imigração foi um forte fator de contribuição para o fortalecimento do hip hop, pois jamaicanos, porto-riquenhos, africanos, foram eles que enriqueceram o movimento com suas técnicas que já carregavam consigo, mesmo antes de chegarem aos Estados Unidos.



Figura 2 Dj Kool Herc. Fonte: Sha Be Allah. Disponível em:
<http://thesource.com/2014/04/16/happy-birthday-to-hip-hops-founding-father-dj-kool-herc/>

O jamaicano *DJ Kool Herc* chegou a Nova Iorque no final da década de 1960 levando consigo a cultura das *disco-móviles*¹². Já em 1969, *Kool Herc* começou a promover nas ruas do *Bronx* as primeiras *Block Parties* (festas de quarteirão) reunindo a juventude negra e latina em torno da arte, da música e da dança (ALVES, 2004).



Figura 3 DJ Grandmaster Flash. Fonte: Luan Freires. Disponível em:
<https://vejasp.abril.com.br/blog/musica-shows/grandmaster-flash-o-maestro-do-hip-hop/>

Outro nome importante nesse contexto de aperfeiçoamento do hip hop nos Estados Unidos foi o DJ Grandmaster Flash (1958), na imagem acima, que percebeu que

¹² Uma espécie de carro de som que era utilizado nas festas de rua. (ALVES,2004)

os breaks nas músicas eram pouco tempo e eram as partes das músicas que as pessoas mais gostavam para dançar, sendo assim, ele desenvolveu uma técnica que consistia em arranhar a agulha do toca disco no sentido anti-horário, o *scratch*, ocasionando em durações maiores desses breaks.

Para Pires (2009) as relações dos movimentos do breaking com esses acontecimentos históricos, no caso a guerra do Vietnã, os bboys buscavam fazer gestos similares as representações da guerra, exemplo disso, é o giro de cabeça, que consiste na pessoa ficar apoiada somente com a cabeça no chão girando em torno do próprio eixo, representando os helicópteros em atividade no combate.

No contexto de guerra e no cenário violento, as gangues perceberam que estavam perdendo muitos de seus homens e buscaram uma forma de disputa diferente que deslocasse o plano do enfrentamento físico e mudaria para o nível artístico, ou seja, dançar breaking para ver quem era o melhor para fazer os movimentos de dança e assim diminuindo a violência (ALVES, 2004). Assim, a dança foi um viés de transformação social dos jovens, pois foi substituindo as drogas, os enfrentamentos das gangues, tornando a sociedade mais pacífica.

Começaram a se destacar a partir daí as outras vertentes do hip hop, que consistia em dança, canto, grafite e DJ, as gangues deixaram de ser gangues e se tornaram crews¹³ e buscavam imprimir suas marcas e novos estilos que eram elaborados por eles mesmos. Isso contribuiu para a afetividade e trabalho em grupo, cujos interesses eram compartilhados e muitas vezes tinham até objetivos em comum, o que fortalecia mais ainda esse laço entre eles.

Nos dias atuais a cultura, hip hop tem se destacado no mundo e ganhado repercussão, os avanços tecnológicos da globalização midiática fez com que se difundisse para vários lugares do mundo.

Algo assim se torna grande a partir do momento em que começa a influenciar as pessoas ao seu redor, de maneira que elas olham para você e sentem que também podem fazer parte, pois o hip hop não exclui ninguém e sim agrega todos, todas, todxs. Não importa a idade, cor, gênero, religiosidade, classe social, se possui limitações físicas ou não, hoje em dia todos podem e quem define isso é quem escolhe fazer parte ou ficar de fora. A trajetória de resistência do hip hop evidencia seu poder de união tecido pelas

¹³ Grupos de pessoas que se reúnem para disputar batalhas com outros grupos, mas sem violência e sim através da dança, do rap, do graffite e do DJ.

pessoas jogadas para as margens, muitas vezes caladas, apagadas, mas que não deixaram de lutar, tornando possível ser o que essa cultura é hoje, o hip hop não para.

1.2 - ULTRAPASSANDO AS FRONTEIRAS: O HIP HOP NO BRASIL.

Com a popularização desses estilos, a música, a dança, o modo de se vestir, se comportar, a mídia se aproveitou para difundir pelo mundo o que estava sendo feito nos Estados Unidos, o breaking era a febre do momento e com isso surgiram filmes como *flashdance (1983)*, *beat street (1984)*, entre outros. E a partir desses filmes que foram lançados em Hollywood e foram divulgados e espalhados pelo mundo todo, o hip hop chega ao Brasil.

A partir desse ponto, temos várias versões sobre a chegada do hip hop no Brasil. Vale ressaltar que a propagação midiática do que estava acontecendo nos Estados Unidos foi a alavanca para que as danças urbanas fossem difundidas pelo mundo. Não podemos denominar que o hip hop surgiu primeiro em um lugar do Brasil ou em outro, pois os filmes que chegaram dos Estados Unidos estavam sendo vistos em todo o Brasil.



Figura 4 Nelson Triunfo (Nelsão). Fonte: Mandrake. Disponível em: <http://www.rapnacional.com.br/contribuicao-de-nelson-triunfo-para-o-hip-hop-brasileiro-vira-tema-de-palestra-em-programa-de-formacao-cultural/>

Uma versão, das várias existentes, fala do surgimento em São Paulo na estação de metrô São Bento, onde *Nelson Triunfo* mais conhecido por “Nelsão”, na imagem acima, se reunia com seus amigos para dançar, porém eles estavam praticando a dança que era deles mesmo antes da chegada dos filmes, era uma estética totalmente diferente, além de que eles não sabiam quase nada sobre o que estava prestes a ser propagado pela indústria tecnológica dos Estados Unidos (Alves, 2004).

Nelson Triunfo nasceu no sertão nordestino do Brasil. Iniciou sua carreira artística como dançarino de soul e funk na década de 1970, foi a época de onde o movimento negro, pela luta pelos direitos, estava começando a ficar mais forte nos Estados Unidos. No Brasil que é um país totalmente miscigenado, Nelson Triunfo, através dessas lutas sociais, assume sua cabeleira em ato de empoderamento dos seus valores enquanto afro-brasileiro, desta forma, começou a cultivar sua cabeleira inspirada no movimento Black Power, que é símbolo de resistência e afirmação da identidade, cabelo que se tornou sua marca e que nunca mais seria cortado (Yoshinaga, 2014).

Ele se tornou um ícone do hip hop brasileiro, pois quando esta cultura chegou ao Brasil, reuniu as pessoas para as primeiras rodas de dança de rua por volta de 1983/1984, estava no período final da ditadura militar, e nessa época o regime torturava e matava quem se opunha a eles, sobretudo estudantes e artistas. Nelson Triunfo foi um dos pais do movimento hip hop no Brasil, pernambucano que conquistou os palcos do país trabalhando como dançarino, coreógrafo, músico, ator e educador. Foi um pioneiro no uso da cultura hip hop como meio de educação alternativa.

Outras versões falam do surgimento em Uberlândia, Torres *apud*, Guarato (2008) afirmam que existiam manifestações semelhantes ao que acontecia na estação São Bento, só que era chamado de Jazz de rua, por isso dizem que a origem das danças urbanas foi em Minas Gerais.

A partir desse momento, podemos ver a incorporação das danças urbanas em academias, tornando-a mais atrativa, também sendo mesclada com exercícios físicos, recebendo várias denominações, tais como: Cardio Funk, street dance, funk fitness, entre outros nomes.

Podemos ver nesse percurso de acontecimentos e histórias que diversas atribuições estão sendo agregadas ao breaking desde o princípio, desde estilos de se vestir, modos de se comunicar, entre outras coisas, sendo assim, a propagação desse estilo de vida, que é o hip hop e modo de viver, se tornou tendência nos anos 80 no Brasil.

1.3 - ANTES TARDE DO QUE NUNCA: O HIP HOP EM SÃO DOMINGOS DO CAPIM-PA.

E como toda tendência, logo era perceptível que todo Brasil estava sob o embalo do hip hop, assim chegando a minha cidade São Domingos do Capim. Município do estado do Pará, pertencente à região nordeste do estado, com uma área de aproximadamente 1.677 km². Localiza-se na Região Norte do Brasil, distante 2 016 quilômetros de Brasília, a capital federal. Saindo de Belém, a capital do estado do Pará, seguindo pela BR 316 até a PA 127 e atravessando o rio Guamá, de barco, chega-se à cidade de São Domingos do Capim.

Contudo, suponho ser interessante destacar, antes de seguir a caminhada, questões referentes ao termo cidade, pois parece um pouco confuso, para muitos, denominar São Domingos de Capim assim, pois não tem prédios altos, grande fluxo de carros, pessoas, linhas de ônibus, muitos bairros e toda àquela imagem que o termo “cidade” revela. Para que determinada localidade seja classificada como cidade, vários critérios são levados em consideração, a urbanização e a população são as principais e São Domingos do Capim apresenta área urbanizada, um centro urbano, e localidades interioranas, e o que o Dragon Crazy faz? Danças Urbanas em uma cidade cercada por rios e longe de fumaças das indústrias, uma vez que, “Urbano” vem do latim e significa: o que é próprio da cidade. Cultura Urbana seria, por extensão, a expressão de grupos que desenvolvem sua arte nas ruas, nos bairros, em espaços públicos, criando novas sociabilidades.



Figura 5 Santo Padreiro – São Domingos de Gusmão Fonte: Janilza Santos. 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2168649460042832&set=a.1586041754970275&type=3&theater>

O nome da cidade surge em homenagem ao Domenico Domingos de Gusmão que foi o fundador da Ordem Dominicana, também conhecida como ordem de São Domingos. Foi uma ordem religiosa católica que teve como objetivo a pregação da palavra e mensagem de Jesus Cristo e a conversão ao Cristianismo. Capim é o nome do rio que a cidade fica à margem, o que também contribui para a constituição do nome São Domingos do Capim. A religiosidade e o rio são elementos importantes não só na constituição do nome como na formação da população, nos aspectos financeiros, sociais e, principalmente, culturais.

É uma cidade cujas condições de vida são bastante precárias, já foi uma cidade maior do que é hoje, porém, teve o desmembramento de várias localidades que lutaram por sua independência política e territorial, e por serem setores com maior desenvolvimento econômico, agropecuário e mineral, logo se tornaram maiores que a própria cidade central, São Domingos, cidades essas: Bujaru, Paragominas, Ipixuna, Rondon do Pará, Aurora do Pará.

O dia a dia das pessoas na cidade é como tem que ser, levantando cedo, indo para o trabalho e no fim do dia voltando para casa, nada diferentes dos grandes centros urbanos. O trabalho é a grande força que faz mover as pessoas. É uma rotina que a maioria das pessoas possuem, apesar de não receberem um salário que dê para se manter de forma agradável, é o único meio para, também, não passar fome. Em meio a essa crise, qualquer trabalho é digno e cada gota de suor vale a pena.

Nas manhãs das quintas-feiras é o dia semanal que ocorre o maior movimento comercial em São Domingos do Capim, pois as pessoas do interior da cidade além de comprarem seus mantimentos para a semana ou até mesmo para o mês, também trazem algo para vender, como legumes e verduras produzidos em suas hortas, muitos se deslocam para a região central para oferecerem a própria mão de obra como fonte de sustento familiar.

O que movimenta o comércio da cidade é a produção de farinha de mandioca e colheita de açaí, onde a maior parte desses produtos vem do interior da cidade e são vendidos para compradores a um preço baixo e que serão revendidos em outras cidades do Pará por preços bem mais altos do que foram comprados, sendo transportados por barcos e navios.



Figura 6 Feira da farinha na orla de São Domingos do Capim - Foto: João Moreira

Após o embarque e desembarque desses produtos o que ficam são as marcas deixadas no chão, caminhos traçados pela farinha que cai do saco furado, carregado nas costas, trilhas de uma trajetória de vida que sobrevive do alimentar, também, outras bocas. Resta também muita sujeira, sacos plásticos passam a navegar nas águas do rio Capim, retratos de sobrevivência de um povo e do crime contra suas próprias águas que levam o alimento para outras beiras. Desrespeito com o ambiente da cidade, tornando-a um ponto de troca que não importam as coisas que ficam para trás, somente o que tem interesse para os chefes e patrões.



Figura 7 Feira da farinha no coreto da orla de São Domingos do Capim - Foto: João Moreira



Figura 8 Orla de São Domingos do Capim - Foto: João Moreira

Total desrespeito com a minha cidade eu não tolero
 Fazer de São Domingos um lugar melhor é isso que eu quero
 Mas pra fazer isso sozinho eu sei que não consigo
 Pra isso preciso da ajuda de cada um que é meu amigo

Só querem saber do lucro depois vão embora
 Depois de tanto ser abusada, sem amor a cidade chora
 Não sei vocês, mas eu pergunto e agora?
 Vamos ficar na mesmice? Se for mudar essa é a hora

Como pode o desrespeito com minha cidade
 Ser mais importante do que a própria humanidade?
 Só vem buscar o que é nosso e nos deixam com migalhas
 Pra mim esses são os piores tipos de canalhas

Quem tá sendo beneficiado?
 Eles vieram e levaram tudo e isso todo mundo viu
 Quem se faz de cego nunca vai ser um dos meus aliados

Pra mim vocês valem menos que o esgoto que é despejado no rio

Trago verdades mesmo que pareçam coisas de louco

Sei que isso reflete nessa minha sociedade

Capimenses que não fazem o mínimo esforço

Pra ver o bem maior, que seria ver bela nossa cidade

Seria cômico se não fosse lamentavelmente incrível

Falar a verdade dói, porém vale mais que ouro e prata

Em uma cidade que tem potencial pra ser de alto nível

Só que eu não vou falar nada pra pessoas que parecem ter sangue de barata

Infelizmente isso acontece por ser um povo desinstruído

Que acha tudo bem em ver as riquezas sendo levadas

Nosso patrimônio já está um pouco destruído

Por que a gente se contenta em viver com migalhas



Figura 9 Pororoca. Fonte: Facebook S Dom Do Capim PA. 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=471288173024044&set=pb.100004285950025.-2207520000.1544037686.&type=3&theater>

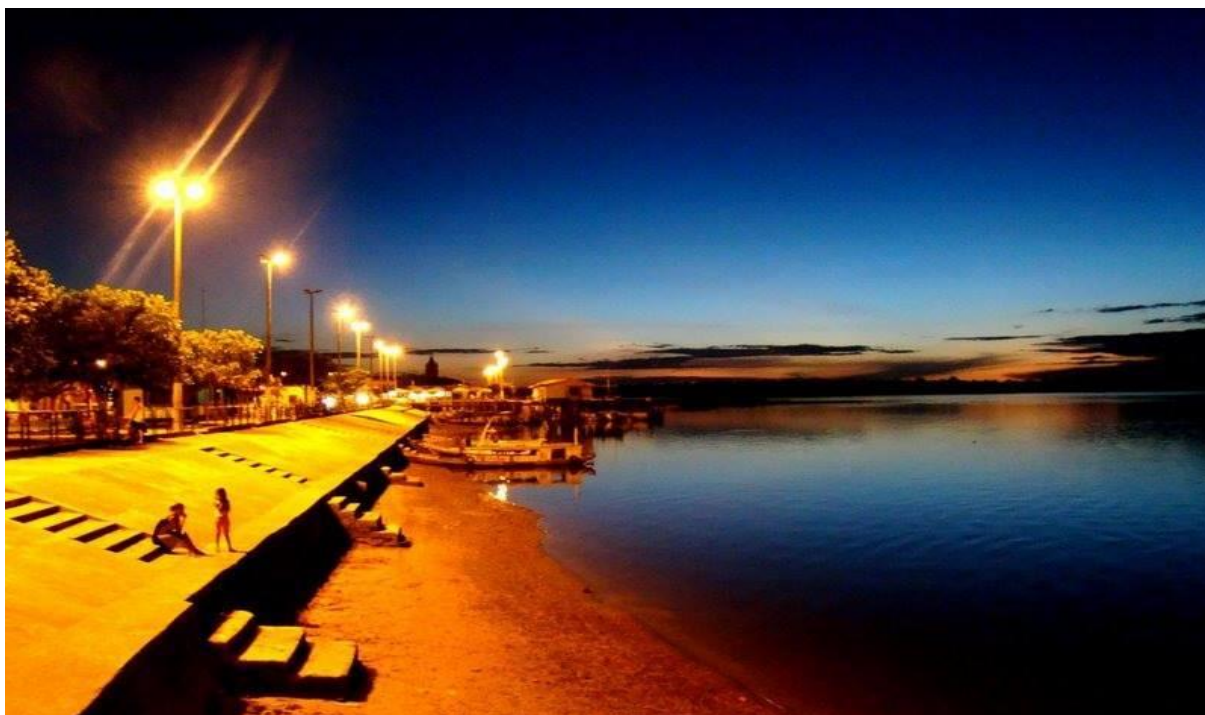


Figura 10 Orla de São Domingos do Capim durante a noite. Fonte: www.facebook.com/sdc.capim/photos_all

São Domingos do Capim também é conhecida nacionalmente como capital oficial da pororoca¹⁴, fenômeno denominado pelo encontro das águas do mar com as águas dos rios, provocando grandes ondas que podem medir até 6 metros de altura, fazendo um grande estrondo ao se encontrarem, que é inconfundível para os moradores da região. A pororoca acontece devido a mudança de fase da lua que aumenta a massa líquida dos oceanos.

Segundo Pereira (2013), existe uma história que fala sobre a força das ondas da pororoca invadindo a igreja matriz da cidade de São Domingos do Capim, que fica localizada às margens do rio, e um padre resolveu fazer uma estátua de Jesus Cristo para amenizar a força das ondas que estavam causando transtornos e até mesmo atrapalhando celebrações e missas. E com isso a força da pororoca diminuiu.

A partir desta história podemos notar a força religiosa da igreja católica no imaginário da população, associando um fenômeno da natureza, neste caso a pororoca, a algo negativo, ruim, que necessita de um intermédio religioso. Será mesmo um fenômeno da natureza ou há uma dimensão mítica que surge com a força das águas? Me pergunto.

Devido a depredação dos rios e maus tratos ao meio ambiente, hoje em dia em São Domingos do Capim, a força e intensidade da pororoca diminuíram muito e não acontece com o mesmo impacto de 10 anos atrás, a onda era tão forte que alagava a orla da cidade, antes a onda surgia em frente a cidade, coisas que não acontecem mais. Porém, é uma atração que dá certa visibilidade para a cidade junto com o festival da Pororoca, atraindo turistas de todos os lugares do Brasil e até de outros países.

Dentro desse contexto, cito um trecho de um rap, de minha autoria, do grupo Surreal Mc's¹⁵, do qual faço parte e poetizei alguns versos para falar da cidade:

*Tô sempre por aqui, todo tempo pela rua
Em São Domingos do Capim que é terra de muita cultura
Cidade linda, falando dela eu componho*

¹⁴ O nome pororoca deriva do tupi e significa algo parecido com “causar um grande estrondo” (PETRIN, 2015).

¹⁵ Grupo de Rap fundado no ano de 2016, é composto atualmente por cinco MC's, sendo eles: Gabriel Rosa (Sagaz), Wender Moreira (Super Crazy), Everton Douglas (D-Joker), Alisson Soares (Pecker) e Luciano David (Luke)

*Ao ver as folhas do ipê na orla caindo no outono
 Imagino o que falar e muitas idéias nesse instante
 Mas nada se compara ao pôr-do-sol no horizonte
 Pororoca, Açaí, Mandioca e Carimbó
 Todas as culturas reunidas num lugar só
 Desde agricultura até a dança nesse lugar
 Vindo do interior do estado do Pará
 Cidade ribeirinha, mas cresceu muito agora olha
 Já são 129 anos de muita história
 Vou te contar recordações especiais
 E as vezes a cada ano tem uns festivais
 Que servem pra alegrar o povo, descontraír
 A maior felicidade é ver meu povo sorrir
 Aquí é paid'égua também e não é só Belém
 Que representa o Estado porque aqui também tem
 Pessoas que representam esse lugar
 Eu sou forte e só paro quando a meta eu alcançar
 Eu sonho alto, chega a dar até vertigem
 E vou lutar pra pôr no mapa minha terra de origem
 Pensa que o Capim é pequeno? É muito idiota
 O Capim é muito mais que a capital da pororoca.
 (SURREAL – São Domingos, Super Crazy, 2016).*

Passei a refletir sobre como fazer uma dança urbana em uma cidade do interior do Pará, é algo que me inquieta, isso me deixou curioso para desvendar sobre o hip hop nessa cidade. Vale ressaltar que houveram outros grupos de hip hop antes do Dragon Crazy em São Domingos do Capim, como: Racionais e Família HP. Porém quem desenvolve até hoje esse trabalho em São Domingos somos nós, Dragon Crazy Crew.

Em São Domingos do Capim o hip hop começou com um grupo chamado Racionais, inspirados no grupo de rap famoso de São Paulo, o Racionais MC's, que foi criado em 1988 e tem como integrantes: Mano Brown, Edi Rock, KL Jay e ICE Blue. São um grupo de rap que consolidou a história do rap no Brasil e fez com que o rap ganhasse importância e assumisse um lugar de privilégio nas estações de rádios e hoje são referência para quem deseja seguir no caminho do rap.

O grupo Racionais de São Domingos do Capim foi fundado no ano 2000 por Rodrigo (Tripa), Alex (Lelé), Henderson (Quejeiro), Dorivaldo (Doro), Luiz (Deco) e Ismael (Baxo), fiquei sabendo da sua existência através de um relato de um integrante do Dragon Crazy Crew, porém é importante ressaltar que eles foram muito importantes para o desenvolvimento de uma cultura urbana, ao que concerne à dança e música, em uma cidade afastada da metrópole do estado do Pará.

Em entrevista com Rodrigo Neves (Tripa), membro e um dos fundadores do grupo Racionais, descobri que eles junto com seus amigos de infância e adolescência foram influenciados pelos pioneiros do hip hop na cidade eram Denis, Reinaldo e Tinei, só quem dançava desses três era o Denis, os outros se interessavam mais pelas músicas que também compõem a cultura hip hop, assim foram induzidos a fazer parte desse movimento, Rodrigo (Tripa) diz:

“A gente foi pegando gosto de escutar as músicas com eles, já que eles eram mais velhos e assim fomos querendo aprender os passos de dança que a gente assistia nos DVDs e também gostamos do estilo das roupas que eles usavam nos vídeos clipes. Os seus ensaios eram efetuados em uma antiga associação da cidade denominada de Associação Filhos e Amigos de São Domingos e na escola “Dr. Maroja Neto”. Nossas coreografias eram no estilo universitário americano, era mais coreografado, não tinha muitos saltos e giros”. (Entrevista concedida no dia 03 de dezembro de 2018)

Ele também relata sobre apresentações que eles fizeram em casas de shows como o Luz de Lampião, Natu's Burger, e em escolas como “Dr. Maroja Neto”, Vicentina Sodré de Araújo e no ginásio poliesportivo Anderson Luiz de Oliveira, todos localizados em São Domingos do Capim.

O aprendizado das coreografias era concebido através de DVDs que eles compravam na feira, quando aprendiam o conteúdo do DVD realizavam empréstimos e trocas de DVDs de hip hop, depois disso, reuniam o grupo para um ensaio para cada um mostrar o que aprendeu e ensinar para os outros o que havia aprendido no DVD. Aqui

vemos um bom exemplo de compartilhamento de saberes, pois eles além de trocarem os DVDs também trocavam experiências e momentos juntos, podemos perceber o quanto é importante dividir para poder multiplicar. Prática muito evidente e exercida no hip hop. Nesse sentido, podemos verificar que o corpo tem fundamental importância para a propagação das danças em diversos contextos, pois “o indivíduo age no mundo através de seu corpo, mais especificamente através do movimento. É o movimento corporal que possibilita às pessoas se comunicarem, trabalharem, aprenderem, sentirem o mundo e serem sentidos” (STRAZZACAPPA, p 69. 2001).

Hoje em dia o grupo Racionais ainda existe, só que voltado para a área do esporte com um time de futsal, esse time tem algumas pessoas que fizeram parte do grupo de hip hop e outras da nova geração. Eles perderam o encanto com a dança e migraram para o esporte, mas o corpo continuou atuando, só que não mais dentro da arte. Nesse momento podemos ver no grupo certo preconceito sobre a valorização da dança, pois eles acharam melhor seguir pelo ramo esportivo do que pelo ramo artístico.

Outro grupo de hip hop que atuou em São Domingos do Capim foi a Família HP, HP que significa hip hop, “sem mistério” como diz Rodrigo Maia (Roque). Iniciou seus trabalhos em 2011, com os membros Roque, Fábio, Adriel, Beto, Aleixo, Tigrão, Xita e Ailton, cujo fundador foi Fábio, mais conhecido como Fabinho HP, eles também tiveram influências de filmes e DVDs.



Figura 11: Família HP. Fonte: Rodrigo Maia. 2011

Roque me relatou que:

“Os ensaios eram como uma apresentação e era muito top, nosso ensaio era no lado do antigo PETI (Programa de Erradicação de Trabalho Infantil) e começamos com uma apresentação na escola Vicentina Sodré de Araújo. Depois disso começamos a apresentar nos interiores de São Domingos também”. (Entrevista concedida no dia 03 de dezembro de 2018).

Como eles não tinham patrocínio para comprar seus tênis e roupas, eles mesmos pintavam os símbolos de marcas famosas em suas roupas e tênis, tudo isso para dar mais visibilidade para o grupo.

Lembro de uma vez no Festival do Exagero¹⁶ onde a Família HP participou, fizeram uma caixa de presente enorme, e quando os jurados chegaram perto para avaliar o objeto, eles saíram de dentro e fizeram uma pequena apresentação, o público que também estava no local, gostou do “show à parte” que eles proporcionaram naquela noite.

Era mágico ver eles se apresentando
 A energia que transmitiam era algo encantador
 Mesmo dançando pareciam que estavam brincando
 Essa cumplicidade com o público me remeteu amor
 Amor pela dança que eles faziam
 Passar a alegria para as pessoas eram isso que queriam
 Eram momentos que valiam a pena serem vistos
 E hoje só na memória é que sabemos disso

Assim como chegou dos Estados Unidos ao Brasil, assim também do Brasil para cada estado, capital e seus interiores. Através de filmes e músicas inspirados no movimento hip hop já desenvolvido. Porém, por se tratar de alcance midiático, de difusão

¹⁶ Festival competitivo que acontece em São Domingos onde quem faz o maior objeto e mais exagerado vence a competição. Dependendo do tema do ano na competição são coisas aleatórias em tamanho exagerado.

tecnológica, demorou a chegar até nós, Capimenses¹⁷, o que estava acontecendo no Brasil, sendo São Domingos uma cidade do interior do Pará, os avanços tecnológicos são processos mais lentos. Mesmo com toda essa dificuldade o grupo Dragon Crazy já tinha sido criado em 2012, e a falta de conhecimento sobre o assunto fez com que buscássemos mais informações através das tecnologias.

No começo do Dragon Crazy os treinos eram aleatórios, para desenvolver uma técnica eficaz para executar determinados movimentos nos machucávamos muito, pois não tínhamos informações detalhadas de como executar, mas fomos encontrando através da compreensão e experimentação dos nossos próprios corpos, para Marcel Mauss o corpo é “primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico do homem (...)” (Mauss, 2003, p. 407) e o que tínhamos, naquela época, eram alguns DVDs e nossos corpos.

Antes disso, não sabiam da existência de bboys na nossa cidade, fomos nós os primeiros a sair de São Domingos para disputar em lugares como Santa Maria do Pará, Acará, Castanhal e Belém. Dentro dessas batalhas de breaking, a troca de saberes e o afeto com quem é da cultura é muito intenso e foi a partir do contato com pessoas, que já tinham domínio maior das técnicas do breaking, de outras cidades como Castanhal, Santa Maria do Pará, Concórdia do Pará, São Miguel do Guamá, Acará, Belém, que nos incentivou junto com a internet, que no decorrer do tempo se tornou mais acessível, o contato com os conteúdos da dança. Uma rede de afeto criada através de viagens pelo interior do estado do Pará.

Como falar de afeto em uma cultura que retoma traços de violências, disputas por espaços, brigas políticas, de classes? Parece contraditório, mas o arquétipo do breaking, apesar de violento na sua visualidade, não condiz com o sistema de relacionamento afetivo que ele contém e propaga. A palavra “batalha” em seu sentido de dicionário significa combate entre forças oponentes, seja na terra, no ar e/ou no mar. No contexto da cultura hip hop, batalha é onde um bboy, duplas, trios ou crews, disputam com os outros dentro de um espaço determinado a partir da dança, neste caso, o Breaking. Nessas batalhas acontecem entradas individuais ou grupais, para a avaliação de jurados dos elementos: musicalidade, corporeidade, ritmo, fundamentos, criatividade dentre outros fatores.

¹⁷ Gentílico dado a pessoa que teve sua origem em São Domingos do Capim.

Dentro desse contexto das batalhas, podemos ir a qualquer lugar sem medo de ficarmos sem abrigo, pois os eventos geralmente acontecem a noite, os bboys da cidade sede dos eventos são os responsáveis por organizar todas as necessidades previstas para o mesmo, como: alimentação, alojamento, premiações, entre outras coisas. E esse afeto relacionado a compreensão e sensibilidade faz com que cada bboy entenda o que o outro passa até chegar até o evento, o acolhimento de pessoas que na maioria das vezes são desconhecidas é do mesmo jeito que tratariam um irmão, afinal somos todos irmãos filhos da mesma cultura.

Dessa maneira trago duas falas para evidenciar as concepções de vivências em lugares diferentes dentro dos eventos, do Gesiel Ribeiro (Xifu)¹⁸ que é quem vai para os eventos e Samuel Duarte (D’Cristo)¹⁹ que é quem abriga as pessoas que vão para os eventos organizados pela sua crew.

Xifu diz:

“Como o hip hop é uma cultura de paz, então se faz muito importante esse ato de afeto depois da batalha, tipo eu posso muito bem batalhar aqui no Pará com uma pessoa que seja de Goiás, e como a gente batalhou e no final a gente teve esse momento de respeito, de tocar na mão, abraçar, dar uma palmadinha nas costas (...) e quando eu chego na cidade desse meu adversário, por conta desse respeito, como se fosse irmãos, então quando eu chego na cidade dele ele já vai me receber de uma outra forma, como se eu fosse um irmão mesmo dele, como se tivesse esse afeto é sendo transpassado de pois que a roda e a batalha terminam, é um afeto de irmão mesmo, como se fosse o uma grande família, em momentos assim, o que eu estivesse necessitando em uma cidade desconhecida, aquela pessoa ia me suprir essas necessidades, tipo necessidade de estar se hospedando na casa da pessoa, de eu nem conhecer direito o modo como ele é, mas pelo simples fato de estar inserido na cultura, eu vejo muita afetividade enquanto a isso, que o hip hop seja essa grande família mesmo onde todos se conhecem mesmo não conhecendo o outro, é como uma pessoa que eu conheço ainda não conhecendo pessoalmente, por que eu batalhei com pessoas que eu conheci através de vídeos e a minha crew também, e essa pessoas através de vídeo que eles começaram a admirar de certa forma, e quando batalharam frente a frente é como se a pessoa já conhecesse aquela outra (...).” (Entrevista concedida no 06 de dezembro de 2018)

Para D’Cristo:

¹⁸ Discente do curso de licenciatura em dança da UFPA, bboy integrante da Fenix Crew, pesquisador em danças urbanas, bolsista PIBIC do projeto Educação Lúdica.

¹⁹ Discente do curso técnico de interprete-criador da Escola de teatro e dança da UFPA. Bboy do Grupo Shekinah Crew de Belém do Pará, organizador de batalhas de breaking em Belém.

“É uma satisfação pra mim, porque a gente não tem apoio nenhum tá ligado? A cultura hip hop, principalmente o breaking não tem ainda aquela visibilidade forte de importância, apesar de ser uma importante ferramenta social, então eu acredito que como a gente não tem apoio, a gente tem que se apoiar em nós mesmos, então quando eu recebo as pessoas na minha casa, como alojamento, eu nada mais tô fazendo do que uma espécie de resistência, a gente tem que resistir todo mundo junto, eu tô fazendo por eles o que um dia eu sei que eles vão fazer por mim quando eu estiver na cidade deles, principalmente o povo do interior que tem muito essa coisa de, eu chamo de recepcionismo, tem uma forte recepção nos interiores, então eu acho que de alguma forma a gente tá se abraçando, eu abraço eles na minha casa e sei que eu vou ser abraçado na casa deles, e é isso, se a gente não fizer isso a cultura morre, eu acho qualquer cultura (...) resistência pra mim é isso, tu tem um quilo de feijão, um quilo de arroz, faz pra todo mundo um panelão de arroz um de feijão, come isso aqui e vai resistir dançando, é o que a gente ama fazer. Dançar lá no pátio, é muito da hora, eu que é o momento que eu vejo que é mais verdadeiro no hip hop real, a gente vê bboy dançando na sala da minha casa, dançando no quarto, arreda a cama, arreda tudo e começa a dançar, não tem mídia, não tem gente filmando, não tem energético fazendo cobertura, , não tem nada, é só a gente dançando porque a gente ama dançar e eu amo viver esse tipo de momento, é o nosso momento (...) nos eventos de breaking é pra ter o nosso momento, só que não tem, então aproveita e vai todo mundo lá pra casa, se eu tivesse uma casa maior eu com certeza ia abrigar muito mais gente, eu acredito que se todo mundo pensar assim a gente vai muito longe, muito longe mesmo (...) Quando eu fui a primeira vez pro Rio de Janeiro eu vi uma roda de breaking, e eles: ah, tu é bboy é? Eu disse: eu sou pow, sou lá de Belém. Ahh, então bora lá pra casa, tipo um cara que nunca me viu na vida, mas só pelo fato de eu fazer uma coisa que ele faz também, e aí pronto, já é melhores amigos, tu não vê em outras danças isso, tu não vê um bailarino chegar e ter o mesmo afeto e cumplicidade que o bboy tem, com as outras danças fica uma coisa meio supérflua, o breaking é muito rua mesmo, qualquer coisa que vem da comunidade é assim, tu vê esses cara que moram num prédio aqui na Doca dez anos do lado do cara e nunca falou com o vizinho, lá na comunidade quando falta teu açúcar tu fala com a vizinha, pow vizinha, acabou meu açúcar aqui, não tem um pouco de açúcar pra tu me dar aí? Aí a vizinha te dá o açúcar, tu dá a farinha pra ela, é uma coisa de comunidade mesmo, só vê em comunidade. O breaking veio de lá, eu acho muito da hora isso, a gente tem que continuar resistindo, pra não acabar (...) se não fosse o breaking eu tava morto já, vi vários amigos morrer, porque não tinha outro caminho, outra escolha, o breaking é uma ferramenta social muito importante, e esse é o nosso objetivo, já tem 12 anos que a gente faz esse vento de aniversário da crew”. (Entrevista concedida no dia 07 de dezembro de 2018).

A partir das falas de Xifú e D’Cristo muitas questões de grande importância dentro da cultura hip hop foram levantadas, mas destaco duas: resistência e afeto.

Para Lavand “(...) resistir é assumir a postura de quem se opõe à ordem das coisas (...)” (2013, p. 68) e quem faz parte da cultura hip hop já traz a resistência consigo, pois a todo instante estamos em oposição ao sistema opressor, à submissão da nossa arte ao sistema que nos deixa à margem por atuarmos nas ruas, nossa resistência é política, pois para Rancière “A arte é política” (LAVAND, 2013 p. 68 apud RANCIÈRE, 2007, p.3), enquanto dançamos estamos resistindo também.

A partir das diversas interações, em especial as corporais, o afeto nasce, mas precisa ser buscado, parte de uma vontade, de um querer, como podemos identificar na fala de D’Cristo “eu abraço eles na minha casa e sei que eu vou ser abraçado na casa deles”, ou seja, quando dou afeto ao outro também sou afetado por ele.

Hoje em dia, temos contato com a maioria das crews de outras cidades, fomos afetados por eles, e o nosso desenvolvimento foi espantoso, segundo eles. O aprendizado foi muito significativo para todos nós, o que eles compartilharam conosco é algo que queremos passar adiante, para nossas gerações futuras. O afeto também é partilhar. Na minha concepção, afeto nada mais é do que o sistema relacional que direciona a poética da dança no grupo Dragon Crazy, que é recheada de subjetividades, diferenças e identidades, que somam para a construção de conhecimento.

2. DRAGON CRAZY: A LEI DOS IRMÃOS

A formação de uma família sem laços sanguíneos leva tempo, pois precisamos conhecer as pessoas com que andamos e o tempo necessário para isso é uma vida inteira, por mais que eu os conheça, nunca vou saber de tudo que eles passaram, só saberei o que eles me permitem saber deles. Desse modo, sabemos que no começo de uma relação todos querem fazer dar certo, se esforçam para demonstrar o melhor de si durante esse período de reconhecimento haverá momentos de conflitos, pois serão os momentos que as pessoas começarão a revelar seus defeitos e com isso algumas intrigas serão formadas, porém, cabe aos envolvidos resolver de um jeito onde todos fiquem bem, resgatar o sentimento que existia no começo da relação, o sentimento de querer dar certo e se esforçar para dar o melhor. Depois de um tempo, não vai ser preciso esconder às diferenças só para agradar os outros, aceitar é uma opção que requer coragem, pois as pessoas são diferentes umas das outras e quando não sabemos conviver com as diferenças os conflitos se tornam frequentes, uma vez que

Cabe perceber as sutilezas que se apresentam aqui, cada sujeito possui disparadores criativos diferentes, contaminações artísticas inerentes as suas histórias, e se a dança é, como afirma Katz, o pensamento do corpo, os processos de criação se configurarão de modo tão diferente quanto o são seus criadores. (LAVAND, 2013 p. 65)

Família é um grupo de pessoas reunidas com o intuito de compartilhar momentos que serão divididos e produzidos em conjunto. Família é ter alguém com quem contar, nas horas boas e nas horas ruins, isso é uma família de verdade, que não mede esforços pra ajudar quando é necessário, família que te ajuda a fugir da realidade do mundo cruel, esses são os Dragon Crazy's, meus amigos, meus manos, meus irmãos. Formar uma família com amigos é construir uma família que tu podes escolher.

Assim como é sobre a história do grupo de dança Dragon Crazy de São Domingos do Capim, apresento aqui as falas dos meus irmãos, os integrantes do grupo, para conseguir encontrar os caminhos que nos uniram à dança e o que nos levaram a criar um grupo. Procurei através de conversas e da própria experiência corporal, da dança, coletar dados que me ajudassem a construir, de forma escrita e versada, a história da formação do grupo de hip hop Dragon Crazy em São Domingos do Capim.

Por se tratar de um grupo de amigos que frequentavam a mesma escola de ensino formal, ficou mais fácil enxergar o traçado e as vivências que tivemos, apesar de termos tido poucas influências sobre a dança no âmbito escolar.

Buscamos através de vídeos e filmes a inspiração necessária para conseguir avançar nesse processo de criação e implantação de um novo estilo de vida, de cultura, de expressão artística através da dança na escola, mas não só nela e sim na comunidade em geral, pois começamos a ocupar os espaços públicos da cidade.

2.1 A ORIGEM DOS CRAZYS

No ano de 2011, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Dr. Maroja Neto”, conheci a dança através de um amigo de turma, pedi para ele me ensinar e ele aceitou. Essa dança foi ganhando força e juntando outros amigos para esse fim, decidi chamar meus amigos para criarmos um grupo: Sandro Alan Nascimento, Everton Douglas Corrêa, Jean Michel Pinheiro e eu, Wender Moreira.

Esse grupo se chamava NDUB (Nascidos De Um Boombox) inspirados nos famosos filmes STEP UP dançávamos *free step*²⁰ e *breaking*. Onde nosso local de treino era na sede dos moto-taxistas de São Domingos do Capim, cujo presidente era meu pai João Maria da Cunha Moreira e foi ele quem cedeu o lugar para treinarmos, em troca do espaço cedido tínhamos que fazer a limpeza regular do local, assim era uma troca colaborativa de interesses, passávamos as tardes de segunda à sexta-feira dançando naquele local, nos divertíamos muito com as *quebrações*²¹. Eram momentos que transformavam a dança em lazer e comunhão entre pessoas com interesses em comum, que era o bem-estar corporal, o cansaço gostoso depois de dançar muito, condicionamento físico, satisfação em estar sempre em evolução nos movimentos, entre outras coisas.

Nesse tempo não fazíamos apresentações, a dança era o meio que a gente tinha para se reunir e falar da vida também, compartilhar sobre nossos sonhos e conhecer as trajetórias uns dos outros, a coletividade fez com que nos tornássemos muito próximos,

²⁰ Dança que consiste em deslizar sobre o chão fazendo movimentos com as pernas e geralmente com as mãos sob as batidas da música eletrônica.

²¹ Gíria interna do grupo que significa bagunçar, zoar, brincar.

como irmãos, às vezes nos juntávamos para jogar vídeo game na minha casa, outras vezes na casa do Jean para treinar, na casa do Douglas para conversar, na casa do Alan para fazer download de músicas que queríamos, afinal ele manuseava melhor essas tecnologias.

Mais ou menos no mesmo período de nascimento da NDUB, também nasceu o grupo de dança Dragon Crazy, nome esse que foi batizado por Alisson Soares, que é amigo do grupo, Dragon Crazy teve sua origem no campeonato de Rampa D'Água²² em São Domingos do Capim, onde também fizeram uma apresentação com os integrantes, Lucas Silva, Marcos César, Diogo Reis e Kleber Oliveira, dançando apenas *free step*.

Até esse momento não havíamos unificado o NDUB ao Dragon Crazy, mais Marcos César viu o Douglas, Alan e eu dançando na escola e nos chamou para se juntar ao seu grupo, concordamos em participar e logo avisamos o Jean sobre a nova formação.

A nova formação surgiu no ano de 2012, com a proposta de reunir os amigos para nos apresentarmos durante o período junino daquele ano nas escolas, o grupo era composto por: Everton Douglas, Lucas Silva, Marcos César, Diogo Reis, Kleber Oliveira e Wender Moreira. Nesse período Alan e Jean, que não dominavam o free step, não dançavam, porém, foram nos assistir e nos ajudar, Alan era nosso DJ, pois tinha facilidade e mais experiências com essas tecnologias. Com o passar do tempo chamamos eles para o nosso local de treino, a sede dos moto-taxistas.

Nesse período, continuamos dançando apenas *free step* e as apresentações eram diferentes das que apresentamos hoje, não tínhamos muita preocupação com alguns elementos da dança, como espaço, partituras complexas de movimentos, porém, Douglas e eu tínhamos uma coreografia de quando ainda éramos apenas NDUB, que na verdade seria para enfrentar a antiga Dragon Crazy de Marcos Cezar, Lucas Silva, Kleber Oliveira e Diogo Reis em uma batalha, porém, como unificamos os grupos acabamos usando essa coreografia durante a primeira apresentação do grupo unificado que foi em uma apresentação na Escola “Dr. Maroja Neto”, durante os jogos internos.

As apresentações se davam da seguinte forma: cada pessoa do grupo ia uma vez para o centro fazia sua parte que havia criado durante os ensaios, enquanto os outros ficavam atrás, em meio círculo. Nesse momento percebe-se a importância de trabalhar

²² Consiste em efetuar um salto com manobras após passar por uma rampa que fica no final do cais, terminando o salto dentro das águas do rio.

Link do vídeo de rampa d'água: <https://www.youtube.com/watch?v=TYU84ULPwy0>

Link do vídeo da apresentação do Dragon Crazy: <https://www.youtube.com/watch?v=uU56AD57IZc> publicado em 1 de maio de 2012 por Kleber Oliveira.

em equipe, porque um mandava energia para o outro enquanto estava dançando no centro e era muito gratificante.

Foi assim até o ano seguinte quando conhecemos os Baby Boys²³.



Figura 12 Baby Boys (da esquerda para a direita. Erick Dias; Luciano David; Ronaldo Santos).

Fonte: Luciano David. Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=251346244991220&set=t.100003475389389&type=3&theater>

Na escola “Dr. Maroja Neto” no mesmo dia da apresentação²⁴ dos Baby boys, pediram ao Alan que fizesse a montagem das músicas deles. Depois dessa apresentação começamos a conversar sobre a possibilidade de agregar os Baby Boys a Dragon Crazy.

A partir desse ponto, surgiu a nova formação da *Crew* quando eles aceitaram participar, começamos a mesclar os gêneros de dança, porém com foco na cultura hip hop, juntamos os grupos, o que se tornou oficialmente Dragon Crazy com: Luciano, Erick, Ronaldo, Douglas, Jean, Sandro, Marcos, Lucas e Wender.

Quando começamos a treinar como o outro grupo as características diferentes foram um desafio para se trabalhar em equipe, os que eram Baby Boys lutando para continuar no hip hop e os Dragon Crazy na mesma luta para não deixar o *free step* morrer no grupo, assim os processos de criação eram bastante desafiadores.

Essa junção implicou na saída de alguns integrantes do grupo antigo, pois não se identificavam com o que estava sendo proposto pelo novo grupo, mas não interferiu no

²³ Grupo de hip hop anterior a formação do Dragon Crazy.

²⁴ Aqui está o link do vídeo da apresentação deles no ano de 2012 naquela noite na quadra da escola “Dr. Maroja Neto” <https://www.youtube.com/watch?v=c3dN3D3ZVw0> publicado em 15 de janeiro de 2013 por Marcos Cezar.

andamento do mesmo. Nossa primeira apresentação com a nova formação foi no CarnaCristo²⁵ Capim 2012, onde ganhamos maior visibilidade na cidade.

Continuamos com as apresentações que se expandiram do período junino para festas de aniversários, aniversário da cidade, aniversário do grupo, carnaval, convites para apresentações em festas religiosas, festivais, dentre outras mais. Com o intuito de divulgar o grupo, não nos importávamos no começo em ir nos apresentar sem ganhar cachê, pois a diversão e os gritos da plateia era o que nos motivava a continuar.

Com o passar do tempo perdemos nosso local de ensaio, a sede dos moto-taxistas, pois meu pai deixou de ser presidente da associação, com isso mudamos para uma feira coberta ao lado da biblioteca municipal, chegávamos lá indo de bicicleta, ou a pé mesmo, a estrutura não era boa, o chão é de cimento e com várias rachaduras, às vezes saíamos com o corpo ralado, mas nada que nos fizesse desistir, nosso som era um rádio, só que um pouco moderno, pois ele funcionava com pen drive e cartão de memória, porém ele era a pilha e precisava de três pilhas AAA para liga-lo e tínhamos que fazer coleta para compra-las, tinham seis pilhas e a carga das pilhas ditava o tempo do ensaio, geralmente das 14h00 até as 17h30 ou 18h00, não havia tomada disponível para ligarmos o som, esse era o período em que as pilhas eram trocadas quando começavam a ficar fracas, lembrando que elas eram recarregáveis para no próximo dia estarem prontas para uso novamente, assim como nossos corpos.

É interessante destacar que o nosso treino durava o mesmo tempo que a duração da carga das pilhas, nosso tempo de intensos exercícios e ensaios corporais, era de mais ou menos duas horas e meia de tempo por dia, porém, após a carga das pilhas se findarem ainda continuávamos no Feirão conversando, ou às vezes tomávamos banho no rio, ou saíamos para a arena para treinar saltos mortais, o fim da carga da pilha não necessariamente era o fim do afeto.

Essa feira fica localizada na Avenida Lauro Sodré, que é a primeira rua da cidade, porém como já citei acima, ela está depredada e esquecida.

²⁵ CarnaCristo: Carnaval com cristo realizado pela paróquia de São Domingos de Gusmão. Apresentação do grupo Dragon Crazy no CarnaCristo 2013.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QhFbKOj7UFk> publicado 14 de fevereiro de 2013 por Wilkson Silva.



Figura 13 Feirão. Foto: Wender Moreira

Depois de um tempo treinando na feira, outras pessoas que se juntavam aos treinos para aprender com os Dragon Crazy's, porém sem querer fazer parte do grupo, o objetivo deles era aprender sobre a dança com a gente e com isso sugeriam outros lugares para treinar, com essas pessoas conseguimos outros locais de treino, tais como o Centro Espírita do bairro da Portelinha, Praça da Matriz ao lado da igreja Matriz de São Domingos do Capim, o ginásio de esportes "Anderson Luiz", a garagem da minha casa, o coreto que fica localizado atrás do salão paroquial da cidade e por fim o coreto da Orla, que é o principal lugar de treino até os dias atuais. Coreto que é ocupado por várias pessoas, inclusive pela farinha.



Figura 14 Coreto da Orla. Foto Wender Moreira

O Coreto também fica localizado na Avenida Lauro Sodré, próximos aos quiosques da orla, o chão é feito de pedaços de granito e cimento, não dispõe de tomada para ligarmos nossa caixa de som, porém temos uma extensão com garras onde ligamos direto nos fios de energia e conseguimos ligá-la.

Por se tratar de um local aberto, público, toda vez que chegamos para treinar está muito sujo com areia, folhas dos Ipês, fezes de cachorros, às vezes vidros quebrados de garrafas de bebidas. Isso é feito de propósito, na tentativa de impedirem a gente de treinar, mas como somos um movimento que resiste, sempre limpamos e cuidamos desse espaço, como ele fica bem próximo do rio fica fácil de lavar e fazemos isso sempre que possível, pois é a atual “casa” do grupo.

Resistência essa que nos faz continuar ainda mais representando e desenvolvendo a arte e cultura na nossa cidade.

*(...) Mas cansados de ouvir ordens dos mestres da colônia
Os serviçais viraram mestres de cerimônia
E trouxeram uma nova corrente de pensamento
Conhecimento é empoderamento contra os opressores
O grito de independência é declamado todo dia
Nos saraus de poesia, mas nessa fotografia
Não vemos um homem num cavalo branco
Vemos mulheres e jovens negros da periferia
Escrevendo a própria carta de alforria (...)
(Oriente – Brasil Colônia, Fabio Brazza. 2018)*

No trecho acima podemos perceber que a resistência e revolução começa quando há inquietação das minorias, quando passamos a refletir sobre efeitos causados por pessoas que não se importam com o bem estar do próximo, pois eles sabem que treinamos no coreto todo dia, mas isso acontece quando começamos a incomodar, pois várias vezes foram chamados os policiais para tentar interromper nosso treino, mas como temos o dialogo a nosso favor nunca foi interrompido de forma violenta ou qualquer outro tipo de agressão, o máximo que os policiais nos pediam era para abaixar o volume do nosso som.

No inverno, quando as chuvas são muito fortes, aumentam as dificuldades em treinar no coreto, pois além de molhar todo o piso, a caixa de som, como fica no chão, é também é molhada pela chuva.

Dessas outras pessoas que se juntavam ao grupo somente para treinar, o Maycon Gomes foi quem integrou ao grupo recentemente, entrou para a família Dragon Crazy, ele treinava com a gente normalmente até que um dia ele pediu para dançar em uma coreografia, o grupo decidiu acolhe-lo e desde então ele é um Crazy, um irmão.

Atualmente a crew tem sete integrantes que participam das coreografias oficiais. As apresentações são em aniversários, quadras juninas, festivais na cidade, aniversário da cidade, eventos realizados pelas igrejas, festas comemorativas da cidade e participações especiais com Jean Jackson de Castanhal, Michael Jackson Cover.

A data oficial de aniversário do grupo é 27 de junho, onde nos reunimos para comemorar e relembrar os momentos vividos em grupo e criar novas memórias com momentos de descontração e alegria.

2.2 CON“VERSANDO”

Para falar de mim e dos meus irmãos os Dragon, compus versos, que fazem parte da nossa cultura, pois é a maneira que melhor reflete as histórias de vida, meu olhar, minha fala e meu afeto. O verso também é uma das minhas formas de expressão artística.



Figura 15 Wender Moreira. Foto: Wender Moreira

*Wender sou eu, não sei o que dizer sobre mim
Tímido, carinhoso, afetivo, sou assim
Não falo muito nem sei como estou conseguindo*

*Graças a Deus esses versos estão fluindo
 Mas deve ser porque sou melhor digitando
 Fico muito nervoso e não consigo raciocinar
 Por isso não sou tão bom falando
 Prefiro ter um momento antes para pensar no que falar
 Bboy Super Crazy Surreal Mcs
 Um dos melhores destinos, tudo que eu sempre quis
 Música, dança, artes vivas dentro de mim de modo geral
 Passando o conhecimento adiante tornando-o universal
 Pai, marido, filho, neto, Crazy, professor
 Tenho a missão de fazer o conhecimento chegar longe
 Espalhando amor por onde eu for
 Quer saber do hip hop vem com os Crazy's que eles são fonte.*



Figura 16 Jean Michel. Foto: Everton Douglas

*Jean é o mais velho em idade na crew
 De artes marciais ele é professor
 Karatê e Capoeira isso todo mundo viu
 Que são habilidades de um vencedor*

*Mania de enquanto fala contigo ele fica te tocando
 Se ele fica cansado, se senta e fica te zoando
 Nos treinos ele sempre está se esforçando
 Mas por uma infelicidade acabou se lesionando
 Enquanto ia tirar um salto mortal
 Rompeu parcialmente o tendão do calcanhar
 Mas isso já faz tempo e agora está normal
 Mas também por isso ficou um bom tempo sem treinar
 Hoje recuperado não perdeu o senso de humor
 Sempre muito divertido e esquecendo da antiga dor
 Pra terminar falando dele de maneira bem-humorada
 Deixo aqui seu apelido Bob Esponja calça quadrada*



Figura 17 Everton Douglas. Foto: Everton Douglas

*Douglas é um irmão desde a primeira série do fundamental
 Dragon Crazy's amigos da dança e Mc's com Surreal
 Na maioria das vezes tá cansado ou com dor nas costas
 É raro são os dias com energia e com vibes bem dispostas*

Kalango é como ele é conhecido no meio da nossa galera

Parceiro do Jean na hora das quebrações

E se quanto mais ficar mordido mano, aí já era

Só vai ter que aguentar todas as perturbações

Entrou recentemente na licenciatura em dança

Nosso plano era passar e estudar junto desde o começo

Eu passei e ele não, mas não perdeu a esperança

Depois de tanto tentar, conseguiu e não desmereço

É muito esforçado apesar de todas as dificuldades

Conseguiu vencer com garra apesar das adversidades

Tem espaço nesses versos que só falam verdades

E hoje está aí na luta dentro da universidade



Figura 18 Luciano David. Foto: Erick Dias

Luciano já é formado em licenciatura em teatro

Já temos um time forte e bem consolidado

Buscando conhecimento na capital, ele foi o primeiro

*Foco agora é compartilhar com cada companheiro
 Aprendizados e amadurecimento em cada ensaio
 Companheirismo que serve de sustento para os aliados
 Seriedade no trabalho em grupo quando tem que ter
 Mas também é um dos reis da zueira, dá confiança pra tu ver
 Tá sempre à frente dos demais tomando a liderança
 Mesmo que as decisões sejam tomadas em equipe
 Ele nos representa sempre passando confiança
 Naquele movimento que antes do “hop” vem o “híp”
 Para ajudar os pais é um assador de churrasco profissional
 Também tem vida fora do hip hop não pense que isso é algo banal
 Faz isso sempre com gosto, esse é o seu corre, descola até um troco
 Não liga muito pro dia e prefere a night que é coisa de louco.*



Figura 19 Ronaldo Santos. Foto: Regina Neves

*Ronaldo sempre foi o mais criança em relação a tudo
 Às vezes tem que chamar a atenção dele, pois é um pouco imaturo*

Porém é um dos integrantes que aprende coreografias mais facilmente
Quando se trata do grupo de dança ele é muito competente
Foi discípulo de um antigo membro do grupo o Sandro Alan
Por ser fazer tudo muito parecido achávamos que tinha um sheringan
É o mais novo do grupo e é um bom companheiro
Vive zuando os outros que tem namorada, e se vangloria por ser solteiro
Convida geral para as festas e alguns vão na maioria das vezes
Mas nem lembro quando foi a última, já faz uns meses
É sempre bom descontraír com a galera reunida na night
Bastam uns sete Crazy's que já está formada a vibe
É um dos que trabalha para ajudar na renda familiar
Carroceiro ou trabalhando em festas de som automotivo
Pra quem tem dificuldades e pensa em não continuar
A vida desse camarada é um ótimo incentivo.



Figura 20 Maycon Gomes. Foto: Maycon Gomes

Maycon é o Crazy mais novo integrante da galera
Ainda está em fase de crescimento com o coletivo

*Entrou na crew e foi o mais zuado, novato aí já era
 Mas isso não importa pra quem tem objetivo
 Trabalha na madrugada em um abatedouro da cidade
 Rotina puxada de todas as manhãs fornecendo os alimentos
 Carga e descarga de carne bovina para açougues é verdade
 E só finaliza quando na cidade já tem um certo movimento
 Menos experiente em certas movimentações do breaking
 Pelo menos não tem vergonha de pedir ajuda pra acertar
 Vai tentando encontrar o certo mesmo errando antes do fim
 E quando se machuca é o incentivo a mais pra continuar
 É um dos mais dispostos a ajudar não importa pra que seja
 Principalmente se for pra ir tomar uma cerveja
 Coisas sérias também devem ser levadas em consideração
 E sempre vai ser um Crazy não importa o lugar que esteja.*



Figura 21 Erick Dias. Foto Luciano David

*Erick é o Dog Crazy, apelidado assim pela repetição
 De um movimento de break que na grínga o nome tem essa tradução*

*É o electricista do grupo, ele manja dos paranauê isso é fato
Ainda mais quando esses paranauês são os conhecidos gatos
Difícilmente sai de casa a noite quando a crew não está reunida
Afinal ele agora é responsável por mais duas vidas
Essa experiência eu já tive e uma lágrima quase cai
Pois além de ser um bom marido também tem que ser um bom pai
Power moves é sua paixão, seu estilo é marcado pelos movimentos
Porém treinar todos os conceitos é necessário para ser completo
Quando tá treinando sério da roda quase não dá tempo
É um dos melhores por ter sequencias de efeitos modernos
Assiste muitos vídeos para ter inspiração de outros bboys
Chega a ser surreal o que eles fazem com sua capacidade
Para o Erick alguns desses são considerados seus heróis
Pois são exemplos de dedicação ao treino e criatividade*



Figura 22. Dragon Crazy Crew. Fonte: www.facebook.com/artista.wen.crz/photos

Apesar da foto impactante e parecer coisa de louco
Somos unidos e fazemos o possível um pelo outro
Sete anos não são sete horas, então atenção a uma breve história
De respeito e companheirismo que foram essenciais dentro dessa trajetória
Apresentei pra vocês a minha família
E descrevi pra vocês através de ritmo e poesia
Mostro que cada um faz a diferença e tem o seu valor
E que cada um aqui também é merecedor
Porque se é verdadeiro o sentimento com a galera
Não precisa ter o preço alto o importante é o valor
Como abelhas trabalhando juntos, assim que se prospera
Mostrando que cada um faz sua parte demonstrando afeto e amor

Houveram campeonatos organizados pelo grupo Dragon Crazy no município, como a Batalha da Amizade, Pororoca Breaking, Cypher no Coreto, D-Crazy Battle, pensamos em todas as questões de logística para o evento acontecer, como local adequado, inscrições, alojamento, refeição, transporte e locomoção dos participantes pela cidade, estrutura de som e iluminação, divulgação do evento, premiação, patrocínios, brindes, categorias, dentre outras coisas.

A organização dos eventos parte de uma conversa com os membros do grupo, tudo é resolvido em conjunto e as tarefas e afazeres são divididos entre os membros, acontecem geralmente dois campeonatos de breaking organizados pelo grupo anualmente, o Pororoca Breaking, que acontece junto ao festival da pororoca, tendo maior visibilidade, pois a cidade está movimentada pelo turismo e a D-Crazy Battle que acontece sempre no final do período junino, por volta do dia 27 de junho ou o mais próximo dessa data.

Outro ponto sobre as apresentações do grupo é a questão de remuneração, para fazer as apresentações, a valorização do grupo é mínima, isso quando existe, e também existem apresentações que nem todos do grupo tem disponibilidade para se apresentar, mas mesmo assim é decidido que se forem dançar é para levar o nome do grupo, acima de tudo temos que pensar no que beneficiará o grupo de modo geral.

Se tratando de evento cujas fontes são mais carentes, não cobramos nenhum valor financeiro, objetivando incentivar as crianças que futuramente irão se inspirar na gente, mas quando se trata de festivais organizados pela prefeitura sabemos que vem um determinado montante que serve para o investimento da cultura e valorização da arte, mas mesmo assim isso não chega até o Dragon Crazy, pois já chamaram o grupo várias vezes para apresentações, onde no começo íamos de graça e por empolgação mesmo por querer aparecer, só que com o passar do tempo percebemos que essa desvalorização nos diminuía enquanto representantes de uma cultura e artistas profissionais.

Como ser exemplo? Sendo que nossa profissão de artista é totalmente desvalorizada. Plantamos sementes em lugares para depois de um tempo elas darem frutos e se multiplicarem, mas as crianças de hoje em dia querem ter uma profissão que dê dinheiro para viverem de forma confortável, como jogadores de futebol, advogados, médicos, engenheiros, policiais militares, dentre outras profissões. Elas sentem vontade de dançar como a gente quando assistem nossas apresentações, porém quando elas descobrirem sobre a desvalorização da nossa arte não vão querer ser como a gente. Precisamos mudar essa realidade!

Aconteceu uma situação de uma apresentação que não fomos notificados e simplesmente colocaram o nome do grupo no cartaz do evento, é sempre aquela conversa que vamos aparecer para representar a cultura e o movimento, mas quando se trata de pagar para nos apresentarmos eles mudam de assunto e falam que o orçamento para o evento já está fechado e outras desculpas, como incentivar se somos o único grupo que não recebe nada para se apresentar? Eles sempre chamam apresentações de outras cidades, que com certeza são remuneradas, o que gera um certo desânimo em continuar nossa história.

Nós resistimos e representamos quando ensaiamos na chuva no coreto da orla, quando fazemos apresentações na Batalha da Orla²⁶, ou em apresentações onde o público não tem como pagar, pois, nesse momento sim estaremos fazendo valer a pena cada esforço e inspirando as crianças.

Atualmente os treinos da crew diminuíram consideravelmente, pois Jean está ministrando aulas de Karatê, Douglas na faculdade em Belém, Luciano com os trabalhos do Grupo Coreográfico da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará

²⁶ É um duelo de MC's que batalham para ver quem tem a melhor rima, movimento organizado e fundado por Gabriel Rosa (Mc Sagaz) e Wender Moreira (Super Crazy).

(ETDUFPA) Ronaldo também tem seus trabalhos durante a semana em São Domingos, Maycon com seus trabalhos também, Erick cuidando da sua esposa e seu bebê e eu Wender finalizando o curso de Licenciatura em Dança da UFPA, em Belém.

Apesar dos treinos serem poucos com todos reunidos, os treinos no coreto é o lugar onde usamos para compartilhar os conhecimentos, falar o que aconteceu no dia, jogar conversa fora, passar o tempo, mas passar o tempo em qualquer lugar que não fosse ali seria simplesmente perda de tempo, pois nenhum lugar é como o local de reunião dos Crazy's.

*(...) Se todo mundo cai eu também cai um dia
 Eu chorava e não entendia porque um estranho sorria
 E sua mão ele estendia pra me levantar do chão
 Me fazendo acreditar que o sim é mais forte que o não
 E que pra toda ferida tem uma cicatrização
 Dividindo seu sorriso como se divide um pão
 Esse estranho me ensinou que todo estranho é um irmão
 Hoje eu sei que dividindo eu faço a multiplicação (...)
 (Gabriel, O Pensador – Fé na Luta, 2016).*

Com tudo isso, os treinos se reduziram para os finais de semana quando viajamos para São Domingos do Capim, sendo que é muito difícil irmos os três que estão em Belém (Douglas, Luciano, Wender) no mesmo final de semana para treinar, mas não só para isso, ver a família, espairecer a mente e esquecer as coisas que nos afligem durante a semana na faculdade onde cada dia é uma luta diferente.

Quando nos encontramos na ETDUFPA, em raros momentos ou quando combinamos, Douglas, Luciano e eu Wender treinamos no pátio da escola, pois a burocracia para solicitar uma sala para ensaio é muito rigorosa, mas isso está fora de questão, por que sempre treinamos em lugares abertos e como a cultura mesmo ensina, temos que ser resistência.

É uma breve descrição quem passou sete anos convivendo com cada uma dessas pessoas, com alguns convivi mais, outros tive menos contato, mas o mais importante é que o laço de afeto que a dança nos proporciona sempre vai nos reunir, seja para dançar, conversar, beber, se divertir, ou qualquer outra coisa.

3. A ESPETACULARIDADE DO GRUPO DRAGON CRAZY

Trago opiniões que parecem ser coisas de loucos, mas que eu Wender Moreira acredito que são indispensáveis na nossa família, pois somos Crazy's, nossas relações de amizade são algo que vale a pena ser contado, pois precisamos de mais amor nesse mundo.

Certa vez eu caí e machuquei, rapidamente minha mãe veio me socorrer, eu chorava muito, porém ela me deu um beijo onde havia batido e falou que a dor ia passar, e assim foi cessando meu choro e logo não havia mais dor, assim ela me deu uma visão sobre a potência do amor, e isso me fez perceber que o amor é a solução, o amor é o que alivia as dores... (Autor desconhecido, sem data).

Com isso, o companheirismo que existe dentro do Dragon Crazy nunca vai acabar, porque são afetos e relações que vão sendo transmitidas dentro das nossas rodas de conversa, treinos, nas apresentações, dançando em qualquer lugar e momentos de *quebração*, para outras pessoas e de algum modo essas outras pessoas levam um pouco de nós, Dragon Crazy, com elas.

A carga de experiências recebidas desde o início da formação do grupo tem valor inestimável, e o que foi e é realizado por nós, Dragon Crazy's, jamais será esquecido, pois estamos construindo um legado que será continuado por nossos filhos, filhos dos nossos filhos, e assim por diante.

3.1 A ESPETACULARIDADE DO COMPORTAMENTO

O amadurecimento do grupo é algo notável, pois na formação atual já temos três de nós que estão na faculdade no campo das artes e isso dá certa segurança para posicionamentos sobre o que a dança e a arte pode gerar para o grupo de modo que possamos seguir adiante com os planos futuros.

O sonho de todos é viver da dança e nos nossos ensaios já vemos essa possibilidade quando aparecem muitas mães perguntando se não ministramos aulas para crianças, porém para isso precisaríamos de um local melhor para ser adequado o ensino da dança, para que seja feito de forma proveitosa e correta, onde as crianças se sintam à

vontade, pois temos metodologias que podemos desenvolver e fazer uma interação com elas de modo que se sintam parte do Grupo.

Mas em momentos difíceis assim vimos que quem se importava realmente com o grupo e com a dança não se deixava abalar por causa de intrigas, e esse cuidado que cada um tem com o outro é algo que vale a pena destacar, pois as diferenciações e preconceitos existentes dentro de grupos de dança existem e o hip hop no grupo Dragon Crazy Crew deixa isso de lado e busca realmente resolver com a dança.

Por que no universo hip hop se tu tens uma treta com alguém, tem que resolver na hora da cypher²⁷ ou batalha, ir lá apontar o dedo na cara e fazer aquela raiva sair sem violência, mas através dos movimentos, e depois disso, independente de quem perder ou ganhar, o respeito prevalece.

Os relacionamentos podem ser vivenciados de várias formas, como sendo de pessoa para pessoa, da pessoa com o ambiente e da pessoa com ela mesma, isso abre uma gama de possibilidades que podemos trabalhar, mas o que faz uma pessoa querer se relacionar com outras, onde na maioria das vezes os conflitos de opiniões e crenças são diferentes?

Tudo começa quando não há necessidade dentro do grupo de falar, oralmente, para expressar o que está pensando. Através da dança posso representar meus pensamentos e sentimentos, um dia posso estar totalmente tranquilo e isso vai refletir na minha dança, enquanto que, se eu estiver em um dia ruim, desse mesmo modo isso vai refletir na minha dança. Sem dizer uma palavra o outro se conecta comigo ao olhar minha dança e isso faz ele refletir sobre o porquê de cada movimento meu. Usamos nossos corpos, nossas danças, para resolver situações conflituosas e de diferenças e “essa particularidade e esse modo pessoal de lidar com a criação podem ser entendidos como a poética do artista” (MENDES, 2010, p 144).

(...) é importante entender que a multiplicidade, ou pluralidade, na dança, é o atributo em meio ao qual coabitam várias ideias e formas de lidar com o movimento e a cena onde são construídas várias poéticas. Essas poéticas, por sua vez, servem-se de uma gama de técnicas corporais (...) dedicando-se, primordialmente, à pesquisa do movimento como motivação criadora (MENDES, 2010, p. 116).

²⁷ Cypher: ou círculo é o nome dado a um grupo de bboys e/ou bgirls, que se revezam dançando dentro do círculo, com o objetivo de mostrar sua dança, nesse momento não existem jurados oficiais, as cyphers também servem para gerar disputas entre bboys e/ou bgirls para esclarecerem coisas mal resolvidas em batalhas passadas, nesse momento os jurados são os demais bboys e/ou bgirls que estiverem na roda.

Os círculos de relacionamentos existentes no grupo, desencadeados pelo motivo de que pessoas não são iguais e as pessoas que se relacionam no Dragon Crazy possuem uma convivência que é trazida de fora do ambiente em que se encontram para treinos e ensaios. Isto faz com que haja vários tipos de conversas durante um treino, indo além um espaço para ensaiar, dançar, pesquisar movimentos, mas é um espaço que se dilata ao movimento corporal propriamente, nos conhecemos melhor, conversamos, sabemos do dia-a-dia do outro, e isto é um diferencial para a constituição da poética do grupo Dragon Crazy, que vai além do trabalho técnico corporal.

Para o círculo de relacionamento dar certo, nem sempre é preciso concordar com outro, pontos de vistas diferenciados ajudam a ampliar as possibilidades que podem ser usadas dentro do grupo. Tendo em vista que as discussões devem existir, sem que haja conflitos extremos, tipo agressões físicas, mas de forma que os indivíduos entrem em acordo, combinando as ideias e criando assim um grande esquema de construção de saberes.

As conturbações são as mesmas de qualquer tipo de relacionamento, horas todos se entendem, outras vezes cada um fala em um idioma, mas isso torna vida mais dinâmica de modo que podemos ter diferentes ideias e na conclusão dessa discussão podemos sair com coisas para somar nesse ciclo de relacionamentos. O modo como utilizo a fala para com o outro influencia nas decisões do grupo, visto que se o humor também estiver contribuindo para uma boa conversa as proposições serão aceitas de uma forma melhor.

Compreende-se por espetacularidade:

(...) como uma categoria também reconhecível em algumas das interações humanas” (...)Trata-se de uma forma habitual ou eventual, inerente a cada cultura, que a codifica e transmite, de manter uma espécie de respiração coletiva mais extraordinária, ainda que para parte das pessoas envolvidas possa se tratar de um hábito cotidiano (BIÃO, 2009, p. 44).

A espetacularidade não corresponde somente às práticas extra cotidianas, por isto, aponto o comportamento e as relações do Dragon Crazy também como espetaculares, pois se assemelham às formigas, exemplo de relacionamentos e trabalho em equipe. Formigas porque elas constroem o formigueiro, construir o formigueiro seria preparar o terreno para pessoas que consideramos importantes, tipo como se essas pessoas

importantes fossem a formiga Rainha, as formigas procuram comida, procurar comida seria buscar o conhecimento que será incorporado e vivido por nós, as formigas limpam o ninho, e limpar o ninho seria cuidar dos nossos espaços, espaços de treino, de compartilhar momentos de afeto, as formigas combatem os inimigos, combater os inimigos é a prática de resistência que fazemos quando alguém passa e diz que somos vagabundos por estar perdendo tempo em uma coisa que pra esses hipócritas não levará a nada, as formigas cuidam das jovens larvas, cuidar das jovens larvas é cuidar da nossa herança para o futuro, os fazer entender que podem ser bem sucedidos através da dança que fazemos e lutamos tanto pelo seu reconhecimento.

3.2 A ESPETACULARIDADE DA DANÇA

Tratando-se de espetacularidade onde “(...) se percebe a organização de ações e do espaço em função de se atrair e prender a atenção e olhar de parte das pessoas envolvidas (...)” BIÃO, 2009, p. 44), destaco os elementos espetaculares na dança do Dragon Crazy que se constituem para atrair o olhar do outro, do público.

O movimento dos corpos dos dançarinos desafia a gravidade com acrobacias que parecem impossíveis fazendo com que algo realmente difícil de ser realizado seja feito com maestria e parecendo fácil. Coreografias que são pensadas através de vivências que tivemos a partir de vídeos e também aqueles momentos de descontração durante os ensaios.

Cada vez que um está treinando e acerta o movimento o outro vibra como se fosse uma conquista própria, porque assim o grupo cresce unido e evolui junto, e isso é importante para o desenvolvimento social e afetivo no grupo, da mesma maneira que se um errar o outro não vai te julgar ou rir, vai tentar analisar onde está errando e dar dicas para que possa chegar ao movimento desejado, como se fosse o professor do outro compartilhando e observando o aprendizado do outro que também influencia em quem vê.

O momento do treino é inspirador porque compartilhamos o mesmo espaço e fazemos disso a força de motivação de um para com o outro. O treino acontecia todos os dias no coreto da orla de São Domingos do Capim, das 14h00 até mais ou menos as 17h30, nesse período desafiávamos nosso corpo tentando aprender movimentos novos,

além do desafio consigo mesmo, também acontecia um tipo de desafio para ver quem fazia mais voltas de cada movimento. Após o treino sério, tem o momento de zoeira²⁸, onde ficam acusando o outro de plágio de movimentos de outros *bboys*, ficam dizendo que o movimento tá ruim, ficam cochichando, entre outras coisas, mas sempre prevalece a união no final, pois sabemos que se trata de um momento de descontração onde todos podem falar o que quiserem, no final sempre vamos embora unidos.

Quem participa da montagem inicial das coreografias geralmente é Luciano, Douglas e eu, Wender, escolhemos as músicas e trabalhamos individualmente nelas, mas também existem momentos que trabalhamos juntos na criação, porém isso não quer dizer que a coreografia que montamos não possa ser mudada com opiniões dos outros do grupo, as possibilidades de formações e figurações para cada coreografia, pois fazemos um recorte de músicas para dançar, determinada parte de uma música e parte de outra e assim por diante.

A partir dessa visão do outro buscamos trazer as raízes do hip hop tradicional e incrementar com músicas atuais que podem ser utilizadas como momentos de descontração nas entrelinhas da coreografia.

Coreografia significa “escrita da dança”, e com isso entende-se que um conjunto de movimentos organizados e estruturados em uma sequência, porém diferente das outras danças as coreografias de hip hop não necessitam ter uma ordem lógica, podendo variar intensidade, tempo, peso, ocorrendo mudanças bruscas. E com bases nas músicas que escolhemos para a composição coreográfica da mesma, pensamos em propor movimentações que encaixem com a música, usamos a expressão “*kill the beat*” para representar uma sequência de movimentos que encaixam de maneira perfeita na música.

As coreografias movem o grupo a trabalhar coletivamente, o ensino e aperfeiçoamento das coreografias com os membros do grupo acontecem de forma que Luciano compõem a coreografia junto com Douglas, após terem fechado a coreografia começam a passar para os demais membros, depois de passar toda a coreografia, Luciano vai de um por um para tirar dúvidas sobre movimentações, como o braço deve ficar em determinado momentos, tudo para tentar deixar mais uniforme a coreografia, mas não querendo deixar todos iguais, pois esse não é o objetivo do grupo, as diversas formas de corpos e movimentações que estão em uma mesma coreografia propõem um olhar sensível para as vivências de cada um e compõem a espetacularidade da nossa dança.

²⁸ É algo que se faz na intenção de ser engraçado.

Os saltos mortais²⁹ que aparecem nas coreografias são efeitos que dão uma visualidade melhor e é um elemento surpresa na mesma, iniciamos os saltos mortais aprendendo com Jean, por ele ter vivencias com a capoeira desde pequeno aprendeu quando criança a tirar saltos mortais, Jean diz:

“Cara pra tirar um salto mortal são três coisas que precisa mano, a primeira é 50% responsável pelo salto é a questão da coragem, porque se o cara não tiver coragem ele não tira salto, porque no momento do pulo pra dar um mortal ele tá totalmente fora do chão e ali ele tá indo contra a gravidade, tá ligado? A segunda é o impulso porque tem que ter o impulso pra ti ter altura no salto, pra tirar um salto bem alto tem que treinar o impulso, quanto mais forças nas pernas mais alto vai. A terceira é a questão do giro corporal, tem que saber girar, para que possa cair em pé dependendo do salto, tem que ter o giro na medida exata, porque se tu não tiver bastante giro não vai conseguir cair em pé, e se tiver mais giro do que o necessário vai passar do ponto de cair em pé no salto, então junta essas três coisas pra poder tirar um salto mortal. Fora as outras coisas que pra poder tirar um bom salto, tem que ter a observação, poder olhar na hora que tá chegando o chão pra poder parar e colocar os pés no chão, essas são as coisas que precisa pra poder tirar um bom salto mortal no meu ponto de vista”. (entrevista concedida no dia 06 de dezembro de 2018 – via rede social)

O salto mortal durante a apresentação é um momento de apreensão dos membros do grupo e um momento para pegar o público de surpresa, impressiona-lo, pois se tratando de uma manobra arriscada onde a gravidade é desafiada, buscamos aperfeiçoamento dos movimentos para executarmos de maneira segura. A seguir evidencio a visão de uma espectadora sobre a espetacularidade do salto mortal em nossas apresentações:

Amanda Araújo³⁰ relata que:

“A gente não tá esperando aquilo, quando eu vi pela primeira vez levei um susto muito grande por não estar acostumada a ver eles fazendo essas coisas, acho que o mortal deixa a apresentação mais admirável e com o clima de medo e susto, mas que enche nossos olhos. E só de ficar sabendo que vai ter apresentação de hip hop dos Crazy's as pessoas

²⁹ É um tipo de salto/manobra que consiste em fazer o corpo girar no ar dando uma volta completa saindo da base de pé e retornando para a mesma, que pode ser efetuado correndo ou parado no mesmo lugar. Link do vídeo: <https://m.youtube.com/watch?v=BWdLXeHA2pA>

³⁰ Espectadora do grupo Dragon Crazy desde seu inicio, companheira de Wender Moreira

logo se interessam, por que sabem que vocês fazem coisas que ninguém tá esperando". (entrevista concedida no dia 10 de dezembro de 2018)

Desenvolvemos nossas próprias técnicas para executar os movimentos, se perguntar para cada membro do grupo como é que faz o moinho de vento, que é um movimento do breaking, cada um vai dizer o que aprendeu sobre e tentar fazer você entender como funciona a mecânica do movimento. A mesma coisa acontece com qualquer tipo de movimentação que esteja enquadrada dentro da coreografia, ou até mesmo fora dela, por isso, as espetacularidades são diversas em nossas danças, pois cada integrante insere suas particularidades.

Fazemos dança, não só pra impressionar com movimentos, mas também para demonstrar que arte é um meio de fazer o outro pensar, ter uma visão crítica sobre as deduções acerca da dança, pois criamos movimentos que expressam nossos sentimentos através do corpo, e para não pensarem que é apenas um mero divertimento, uma distração, ou qualquer que seja a coisa, pois investimos nosso tempo e nosso esforço para poder representar e levar cultura onde fomos chamados.

O que dá o diferencial nas nossas apresentações é sempre ter algo novo para mostrar para o público, dançávamos de máscaras brancas no rosto para levar as pessoas se a perguntarem quem era quem nas coreografias, trocávamos de figurino pelo mesmo motivos, e toda vez tinha uma música diferenciada do hip hop para ter o momento de *quebração*.

Com o passar do tempo perdemos as máscaras, pois elas eram feitas de material frágil e quebraram, e fomos substituindo elas por outros acessórios, como uma máscara de tecido confeccionada por nós mesmos, bandanas amarradas no rosto, ou em outras partes do corpo, bonés, e figurinos mais elaborados, hoje temos o moletom e camisa oficial do grupo, se trata de uma camisa de basquete vermelha e um moletom cinza mangas compridas com as mangas camufladas.

Tudo isso pensando no olhar do público, no entretenimento e diversão das pessoas. Pois tudo que é proposto nas coreografias e pensando no olhar de que vai prestigiar o trabalho, ou seja, a plateia.

Após o final das apresentações é um momento de realização e sentimento de dever cumprido, pois mesmo na maioria das vezes fazendo apresentações de graça, é gratificante ver o olhar das pessoas com admiração pelo que a gente faz em alguns

minutos de apresentação. As pessoas chegam para nos parabenizar, com apertos de mãos, abraços, e falas que nos motivam a continuar com nosso trabalho.

Para que a espetacularidade da dança do Dragon Crazy possa afetar os leitores desta pesquisa e contribuir com minha escrita em torno de algo tão singular, convido a assistirem, neste momento, o material midiático (DVD) que acompanha este trabalho.

3.3 A ESPETACULARIDADE DO AFETO

Eu queria deixar marcado na história
 Me esforcei e acho que tô conseguindo
 Laços de afeto trazidos em uma trajetória
 As vezes lágrimas caem, mas melhor é deixar fluindo

Fluídez que se transforma em dança coletiva
 Dentro de uma memória que ainda está sendo construída
 Por cada membro e cada membro faz sua parte
 Fazemos isso pela expansão da nossa arte

É uma lei de irmãos onde o afeto prevalece
 Sendo ainda mais respeitado por ser artista
 Só quero daqui a um tempo cada um no lugar que merece
 Sempre lembrando dos amigos sem ser egoísta

Somos tipo os três cavaleiros
 Um por todos e todos por um
 Busco um dia colocar eles entre os melhores primeiros
 Afinal, eles têm o diferencial que não é comum

Amizades feitas desde o ensino médio
 Colegas de classe da escola “Dr. Maroja Neto”
 Quem diria que uma simples diversão
 Se tornaria tão importante e cada um se tornaria um irmão

Através da dança criamos esses laços
 Sempre estamos juntos, mesmo estando separados

Ligados em fortes abraços
 Conexão que nunca falha, estamos interligados

As festas e confraternizações são os melhores momentos
 Somos nós, não precisamos fingir ser o que não somos
 Lembranças que não são apagadas nem levadas pelo vento
 Rastros eternos marcados por onde fomos

Nas zueiras, quebrações e brincadeiras desde o início
 Sempre esforçados e machucados, apesar de ser difícil
 Nunca desistimos, pois, a dor passava
 Mesmo que fosse o chão do nosso treino que nosso sangue tirava

Porém, tratávamos desse chão com muito carinho
 É o nosso local de reunião pra ninguém se sentir sozinho
 E mesmo me sentindo sozinho e quieto no meu lugar
 Eles apareciam do nada pra tentar me alegrar

Demonstrações espontâneas de afetos no coreto
 Um jeito transparente de deixar tudo muito claro
 Tão diferentes quanto o branco e preto
 Só que tem gente que confunde, infelizmente com essas merdas me deparo

Mas isso é ter uma família de verdade
 Que te cobre nos momentos certos para isso
 Dentro dessa família nunca existiu a falsidade
 Pois, honramos e cumprimos com o nosso compromisso

Somos exemplos e incentivadores da arte
 Não excluimos ninguém, quem quiser pode fazer parte
 Não importam as diferenças, ser diferente é normal
 Em uma cultura que hoje é considerada universal

Representando em cada lugar o nosso movimento
 O hip hop está ligado a nós
 É uma família que foi formada ao longo do tempo

E sabemos que aonde for, nunca estaremos sós

Considerados pelos outros como se fosse uma gang
 E somos mesmo, só que todas as emoções aqui são puras
 Uma família composta por irmãos não do mesmo sangue
 Que representam e disseminam uma cultura de rua

Em qualquer situação a gente chegar pra somar
 Estamos aí pelo mundo buscando o nosso lugar
 Sabendo que aonde for temos essa missão
 Plantar sementes pra dar frutos em uma nova geração

Já passamos do estágio de amizade
 Não nos consideramos grupo, essa que é a verdade
 Já dividimos muitas experiências
 Se tornou família pelo fato de termos mais convivência

Mais convivência do que com as pessoas de dentro de casa
 É outro sentimento que quase ninguém explicava
 Pensamento coletivo que foi gerado por amigos
 Que se tornaram irmãos e até hoje estão comigo

Sabemos quando a recíproca é verdadeira
 Quando temos um trabalho individual, pensamos dessa maneira
 Porque sei que nunca foi cada um por si
 Sempre foi pensando, como seria se a D-Crazy estivesse aqui

Ahhh, ia ser muito da hora
 Fazer o que sabemos que é dançar sem pensar em ir embora
 Conquistar o mundo afora
 Tendo em vista objetivos que podem ser conquistados agora

Um deles já está sendo feito
 Que é passar o conhecimento para a nova geração
 Não idealizo um mundo que seja perfeito
 Só quero passar segurança pra que o amor seja a solução

Também somos considerados loucos
Por fazer o que ninguém tem coragem
Isso é coisa pra poucos
Só nós sabemos o que passamos em cada viagem

Quero dar o melhor de mim pra esse mundo
Mas como fazer isso se ele mesmo me chama de vagabundo
Oriundo vindo de uma cidade do interior
Só não te dou nada pois nesse mundo nada exala amor

É uma família que encara as dificuldades todos juntos
Sem fugir dos dramas, brigas e frustrações
Resolvemos nossas paradas não importam os assuntos
Por que isso é reflexo das nossas reponsabilidades em ações

Se quiser saber mais é só procurar a gente
Também não sei se o que falei aqui foi o suficiente
Mas tenho amigos que sempre estão do meu lado
É isso garante que o conhecimento irá ser repassado

Não sei se eu falei tudo que eu tinha pra falar
Só sei que eu tinha que falar de alguma coisa
Não sei o porquê? Como? Onde? Ou causa? Deixa pra lá
Agora tu também faz parte dessa família louca

FALOW MANO, ATÉ OUTRA HORA!

Visto o percurso afetivo e coletivo desde o início da pesquisa percebo que a união da família Dragon Crazy é uma forma de resistência, pois fazer dança em uma cidade do interior do Pará, onde a maioria da população vê a gente como vagabundos, é resistir! Porém, o que nos salva e nos ajuda a continuar fazendo nossa arte é coletividade.

No mundo da cultura hip hop temos a visão e noção do que os integrantes dessa cultura passam no dia a dia, coisas como xingamentos, preconceitos, acusações, desrespeito, dificuldades em conseguir “empregos de verdade” com a devida valorização, entre outras coisas, pois como é uma cultura que surgiu nos guetos, a sociedade tem um certo preconceito sobre como funciona o movimento, porém dos elementos da cultura hip hop o conhecimento, que foi o último a ser integrado a ele, no meu ponto de vista é o mais importante. A cultura não se dissipa, o conhecimento é o que vai mover pensamentos e gerar novas proposições para o futuro.

O conhecimento que é compartilhado pode ser uma alavanca que funciona para impulsionar os menos favorecidos, que são as pessoas de periferia, ou como a gente diz aqui em São Domingos do Capim, as pessoas do interior. Se tratando do hip hop, o mesmo conhecimento começa a ganhar força quando nos juntamos e decidimos resistir, reivindicar nossos direitos e comunicar que também somos humanos e temos nosso valor assim como qualquer indivíduo.

A arte em si proporciona muito mais do que um simples divertimento, como sabemos, o hip hop além de ser uma cultura de paz através das artes, também tem a potência de transformação social, conforme podemos verificar a nível nacional os vários projetos sociais que trabalham com este gênero de dança com fins educativos e de instrução social e cultural, para que possam buscar novos caminhos por meio da dança, do graffitte, da música, dentre outras expressões artísticas. Não ensinar a serem os melhores bboys do mundo, ou melhores DJs, enfim, temos que ensinar a cidadania, ao pensamento crítico e reflexivo para que não se envolvam em caminhos errados, somando para a estatística de mais um que morre na periferia devido ao elevado índice de criminalidade, pois em São Domingos do Capim tudo isso ocorre, os mesmos problemas sociais dos grandes centros urbanos não estão inertes à “cidade da Pororoca”, interior do Estado do Pará.

O grupo Dragon Crazy atua nesta perspectiva e ainda podemos fazer mais para transformar nossa realidade, dando exemplos que podem ser seguidos, alguns da gente já são alunos de faculdades, outros são formados e tem um curso de ensino superior, outros já estão empregados e vivendo bem. Esse é o diferencial que buscamos, poder inspirar através do hip hop e viver dignamente.

Temos que passar adiante a forma de pensar que consiste em saber que tudo depende dos nossos esforços e do quanto nossos objetivos são importantes, porque sabemos que todos temos sonhos e objetivos, então temos que saber o que precisamos durante o percurso para alcançar nossas metas. Nossos propósitos estão sempre relacionados a deixar uma herança para o futuro em nossa cidade.

Ao meu ver o que falta no mundo da dança é união, pois estamos em um tempo que cada dançarino, bailarino, bboy, briga para ser o melhor no mercado de trabalho e é esquecido o momento de trocar conhecimentos e experiências, isso dificulta muito porque isso faz com que as pessoas redirecionem seus círculos de conversas e reprimam seus pensamentos, no entanto, expandir as possibilidades faz pensarmos se realmente é necessário se fechar em certos momentos. Na grande família do hip hop cada pessoa que se diz fazer parte da cultura tem seu valor, pois no hip hop aprendemos a ver nossas semelhanças com pessoas diferentes de nós, é se sentir abraçado por todos e ao mesmo tempo abraçar todo mundo.

Gosto muito de abraços, essa é a parte do contato físico afetivo que mais admiro, são sentimentos trocados de forma verdadeira dentro de um abraço apertado, o próprio nome: abraço em seu sentido literal significa demonstração de afeto e o corpo é o caminho para isto. É um ato simples, mas carregado de sentimentos e é tão bom para quem dá quanto para quem é abraçado, o abraço pode ser usado em diversos momentos, seja de alegria, de tristeza, de euforia, de gratidão, de saudade, ou qualquer outra emoção.

Abraços são dados de muitas formas e com diferentes significados. Têm abraços que dizem: Fico muito contente com a sua amizade... existem abraços que expressam o orgulho que se sente por alguém especial!... Também há abraços que dizem: Não existe ninguém no mundo igual a você... Há abraços doces e ternos que são dados em momentos de tristeza... Com um abraço também podemos dizer: Sinto muito, quando alguém está passando por um momento difícil... Há abraços que damos, para dizer: Que bom que você veio, e outros que dizem: Sentirei sua falta quando você estiver longe de mim... E não faltam esses abraços perfeitos para fazer as pazes... E os abraços cheios de carinho, que nascem do coração... Como você vê, existem abraços para diferentes

ocasiões; abraços rápidos e abraços demorados, um para cada razão... Porém, de todos os abraços, o mais carinhoso é aquele que diz: Você está sempre no meu pensamento porque eu te quero muito (Fênix Faustine, frase do abraço).

Mas como ser do afeto se dentro da minha própria família de sangue não tenho essa ligação tão forte? Porque afeto pra mim é compartilhado através de abraços, apertos de mão, conversas, dentre outras coisas que uma família deveria fazer. Na verdade, o jeito deles de demonstrar afeto comigo é diferente, quando passo a semana fora durante o período da faculdade, minha mãe sempre pergunta se eu tenho açáí, meu pai pergunta como estão indo as coisas da faculdade, acho que esse é o jeito que eles têm de manifestar o cuidado que sentem por mim, isso também é afeto. Sou afetado por eles e eles me afetam!

Uma família não é formada somente pelo sangue, laços de amor, carinho e afetos são fatores que transformam um grupo de pessoas em uma família, a confiança também é algo essencial em todos os relacionamentos com isso surge o diálogo, as demonstrações de afeto, o compartilhamento de vivências e o conhecimento adquirido acerca dos encontros.

Nós, do Dragon Crazy, buscamos sempre a coletividade, o trabalho em grupo, não nos consideramos o melhor grupo de dança, temos nossas divergências, como qualquer relacionamento, só que resolvemos os problemas na hora, para nada ficar mal esclarecido, e isso contribui na consolidação da Lei dos Irmãos: o afeto que gera a dança, a coletividade, a irmandade.

Ao longo da jornada acadêmica percebo que discursos, feitos por pessoas cuja formação é reconhecida, tem mais valor do que um “simples cidadão moderno”. Sair da zona de conforto e ter a sensibilidade para reconhecer que o que o outro tem a dizer também é importante é necessário para criar vínculos, pois trabalhar com arte é trabalhar com amor, e quando conseguimos compartilhar nossas subjetividades, o dialogo se torna mais prazeroso (SANTA BRÍGIDA, 2015).

A partir dos apontamentos de Brígida (2015) acima, acredito que esta pesquisa alcançou seus objetivos propostos, pois falar de afeto e espetacularidade é trazer à tona para dentro do âmbito acadêmico a importância da subjetividade e sensibilidade do artista, do professor, do pesquisador, validando que sua própria prática é importante neste

eixo e, principalmente, estabelecendo conversas com as pessoas da própria cultura. Neste trajeto, dei voz a mim mesmo, aos meus versos, dilatei minha percepção sobre a espetacularidade, falei sobre afeto, sobre partilha, coletividade, família, mas também dei voz aos outros, pois ninguém faz nada sozinho. Por onde passamos deixamos rastros, marcamos e somos marcados por outras pessoas durante nossas trajetórias, é assim que essas considerações estão sendo, uma marca que está sendo impressa através de danças e afetos. Eu sou um coletivo de pessoas.

Nesta perspectiva, a voz de autores, pesquisadores, teorias, foram também importantes para que os versos chegassem à conclusão. Contudo, ao me debruçar neste estudo, entre idas e vindas de Belém à São Domingos e de São Domingos à Belém, minha trajetória e a importância que o afeto possui pra mim, Wender, este estudo apresentou uma maneira muito própria de pesquisar o Breaking academicamente, pois minha perspectiva não se pautou em qualidades de movimentos, técnicas específicas, descrições de movimentos, dentre outras temáticas já pesquisadas, mas por uma perspectiva que não está unicamente na movimentação dos corpos, mas em tudo que constitui àquela dança, desde os relacionamentos enquanto amigos até a briga política por espaço para ensaios e a própria valorização da cultura em São Domingos do Capim. São dimensões mais profundas, ao meu ver.

Ao efetuar esta pesquisa sobre um grupo específico de breaking, espero que também contribua com outras pesquisas pautadas nas formações de grupos em danças, para o pensamento e fortalecimento da cultura hip hop do Estado do Pará, especialmente em São Domingos do Capim. Percebo que as pesquisas sobre danças urbanas ainda estão muito distantes da universidade, ao efetua-la também estou sendo resistência e contribuindo para seu fortalecimento em vários aspectos e ampliando o campo de conhecimento da dança.

Só é visto quem aparece e para aparecer tem que estar em um lugar de destaque. Ao trazer meus irmãos para dentro de um trabalho que ficará eternizado na história do hip hop, de São Domingos do Capim, das danças urbanas em geral, e principalmente marcadas nas nossas subjetividades, estou colocando no mapa nossa trajetória, pois são amizades verdadeiras que são insubstituíveis. *“Os verdadeiros tão sempre comigo, vagabundo até o fim, que acreditavam em algo diferente que geral sempre insistia em dizer: nunca vai vir” (Luke – Mais um Brasileiro. 2018).*

REFERENCIAS

ALVES, César. **Pergunte a quem conhece: Thaíde**. São Paulo: Labortexto Editorial, 2004.

ARAUJO, Lindomar da Silva. **Hip Hop**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/artes/hip-hop/> acessado em: 22/08/2018.

BIÃO, Armindo e GREINER, Chistine. **Etnocenologia, uma introdução**. Publicado em: ETNOCENOLOGIA : TEXTOS SELECIONADOS / Christine Greiner e Armindo Bião, organizadores. - São Paulo: Annablume, 1999. P (15-22).

BUCKLAND, Tereza Jill. **Mudança de perspectiva na etnografia da Dança**. Publicado em ANTROPOLOGIA DA DANÇA I. Editora Insular. Ano 2013. P. (143-153)

CABRAL, Rafael Ribeiro. **Corpo, encontros e afetos: Os três movimentos transformadores de um artista-etno-pesquisador**. Publicado em: REPERTÓRIO: Teatro & Dança - Ano 18 - Número 25 - 2015.2. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/15395>

DANTAS, Tiago. **"Reggae"; Brasil Escola**. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/artes/reggae.htm> acesso em 16 de setembro de 2018.

DESCONHECIDO, Autor. **A Origem do Hip Hop**. Disponível em: <http://Origemdascosas.Com/A-Origem-Do-Hip-Hop/> acessado em: 22/08/2018.

DESCONHECIDO, Autor. **Biografia de Afrika Bambaataa**. Disponível em: <https://www.letras.com.br/biografia/afrika-bambaataa> acessado em: 16 de setembro de 2018.

DESCONHECIDO, Autor. **Quem foi Malcolm X?** Publicado em: 18 de abril de 2011. Disponível em: <https://www.google.com.br/amp/s/super.abril.com.br/mundo-estranho/quem-foi-malcolm-x/amp/> Acessado em: 19 de setembro de 2018.

FAUSTINE, Fênix. **O que significa um abraço**. Disponível em: https://www.pensador.com/o_que_significa_um_abraco/ acesso em 10 de dezembro de 2018.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. **"Jamaica"; Brasil Escola**. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/jamaica.htm> acesso em 16 de setembro de 2018.

FIGUEIREDO, Valeska. A ÉTICA DE ESPINOSA PARA PENSAR O AFETO NA DANÇA. Revista O percevejo Periódicos do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas PPGAC/UNIRIO. Volume 3. – número 2 – agosto-dezembro, 2011. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/view/1912>

ITO, Michelle. **Hip hop: Locking**. Criado em: 22 de janeiro de 2012. Disponível em: dancarestarvivo.blogspot.com/2012/01/hip-hop-locking.html?m=1. Acessado em 19 de setembro de 2018.

KENY, Daniel. **Afrika Bambaataa e a origem do hip hop**. Revista Raça. Disponível em: <https://revistaraca.com.br/afrika-bambaataa-e-a-origem-do-hip-hop/> acessado em: 16 de setembro de 2018.

LAVAND, Rosângela Colares. **TÁ ROLANDO O BAFON! DIFERENÇA E DISSENSO COMO POTÊNCIA EM UM PROCESSO DE CRIAÇÃO EM DANÇA.** Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em Artes da UFPA, 2013.

MARQUES, Márcio. **Liquid Dance.** Criado em 04 de novembro de 2013. Disponível em: dancareaprender.blogspot.com/2013/11/liquid-dance-ou-waving-e-uma-danca-que.html?m=1. Acessado em: 19 de setembro de 2018.

MENDONÇA, Rosa; SALLES, Ecio. **Cultura Urbana e Educação.** In: *Salto para o Futuro – Tv Escola.* nº 5. Rio de Janeiro: Secretaria de Educação à Distância, Ministério da Educação, Governo Federal, 2009.

MENDES, Ana Flávia. **Dança imanente:** uma dissecação artística do corpo no processo criativo do espetáculo Averso. São Paulo: Escrituras, 2010. (Coleção Processos Criativos em Companhia; v. 2).

OLIVEIRA, Maria Ana Azevedo de. **O corpo que dança: Pesquisas em Etnocologia.** Publicado em: REPERTÓRIO: Teatro & Dança - Ano 18 - Número 25 - 2015.2. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/15394/10544>

PAES LOUREIRO, João de Jesus. **O corpo do amor e da poesia.** Publicado em: REPERTÓRIO: Teatro & Dança - Ano 18 - Numero 25 - 2015.2.

PEREIRA, Rogério. **São Domingos do Capim conhecido como a capital da pororoca.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BcNkIUf9V9o>. Publicado em: 29 de abril de 2013. Acesso em: 03 de dezembro de 2018.

PETRIN, Natália. **Saiba o que é a pororoca.** Disponível em: <https://www.estudopratico.com.br/saiba-o-que-e-a-pororoca/>. Publicado em 24 de agosto de 2015. Acesso em: 05 de dezembro de 2018.

PIRES, Raquel Almeida. **Movimento Hip Hop: Cultura de transformação e integração.** Revista Educação. V.(4). Nº (1). P. 83-90 Ano 2009.

QUERUBINO, Ana. **Porque as formigas vivem juntas.** Disponível em: <https://www.ebah.com.br/content/ABAAABGZwAL/por-que-as-formigas-vivem-juntas> acesso em: 09 de dezembro de 2018.

RAPOSO, Otávio Ribeiro. **Coreografias da Amizade: estilos de vida e segregação entre os jovens do break dance da Maré (Rio de Janeiro)** Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Antropologia. 2013

RIBEIRO, Guilherme Xavier. **De 1988 a 2012: Conheça a história do Racionais MC's.** Disponível em: <https://www.ceert.org.br/noticias/historia-cultura-arte/2714/de-1988-a-2012-conheca-a-historia-do-racionais-mcs>. Publicado em: 20 de agosto de 2012. Acesso em 05 de dezembro de 2018.

ROCHA, Ludmila Oliveira. **HIP HOP ou HIP e HOP?.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado sob a forma de Artigo Científico. Data?

ROSÁRIO, Rosana Lobo. **A importância da etnografia nas pesquisas em dança: compartilhamento, intersubjetividade, dialogismo.** Publicado em: ANTROPOLOGIA DA DANÇA II. Editora Insular. Ano 2015 P. (31-43)

SANTA BRÍGIDA, Miguel de. **A Etnocologia como desígnio de um novo caminho para a pesquisa acadêmica – ampliação do modo e lugar de ver a cena contemporânea.** In. BIÃO, Armindo. (orgs) Anais do V Colóquio Internacional de

Etnocenologia. Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Salvador: Fast Designer, 2007, p 199-203.

SILVA, Tomaz Tadeu. **A produção social da identidade e da diferença.** _____.
Disponível em:
https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/32967357/A_producao_social_da_identidade_e_da_diferenca.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1544458774&Signature=GFT6Bw5pU9PAjDz%2B6F9EoTIPxNk%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3D2._A_producao_social_da_identidade_e_da.pdf
Acesso em: 10 de dezembro de 2018.

SOUSA, Natália Gonçalves. **O break dance no Brasil e na França: uma proposta de definição e tradução de seus principais elementos.** Monografia apresentada ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução como requisito obrigatório para a aprovação na disciplina Estágio de Bacharel em Francês. 2017.

STRAZZACAPPA, Marcia. **Educação e a fabrica de corpos: A dança na escola.** Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/32365/1/S0101-32622001000100005.pdf> Cadernos Cedes, ano XXI, n 69 o 53, abril/2001. Acesso em 04 de dezembro de 2018.

TORRES, Laís Crozera. **Danças Urbanas no Brasil: Relatos de uma história.** Monografia apresentada como pré-requisito de Avaliação referente à Conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física. 2015.

URSÃO, Filipi. **Popping: Conheça a história e os passos desta dança urbana.** Criado em: 18 de maio de 2016 e atualizado em 30 de maio de 2016. Disponível em: www.ebc.com.br/cultura/2016/05/popping-conheca-historia-e-os-passos-desta-danca-urbana acesso em: 19 de setembro de 2018.

VIEIRA, Alba Pedreira. **Pesquisa em dança na educação: Compartilhando as transformações de participantes e da investigadora.** Congresso da Federação de Arte Educadores do Brasil/CONFAEB. Anais... 2010.

WELLER, Wivian. **O hip hop como possibilidade de inclusão e de enfrentamento da discriminação e da segregação na periferia de São Paulo.** Caderno CRH vol.17 n. 40 p.103-116, Salvador, 2004.

YOSHINAGA, Gilberto. **A história de Nelson Triunfo: Um dos pais do hip hop no Brasil.** Publicado em: 22 de agosto de 2014. Disponível em: <http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/a-historia-de-nelson-triunfo-um-dos-pais-do-hip-hop-no-brasil> acessado em: 23 de setembro de 2018.

ZANINI, Débora. **O que é pesquisa etnográfica?** Disponível em: <https://www.ibpad.com.br/blog/comunicacao-digital/o-que-e-pesquisa-etnografica/>
Acesso em: 20 de junho 2018.